



**Universidade Estadual de Santa Cruz
Universidade Federal da Bahia
Mestrado em Cultura & Turismo**



REINALDO SOARES DOS SANTOS

O ENCANTO DA LAGOA:

**O imaginário histórico-cultural como elemento propulsor para o
Turismo Cultural na Lagoa Encantada**

**ILHÉUS – BAHIA
2004**

REINALDO SOARES DOS SANTOS

O ENCANTO DA LAGOA:

**O imaginário histórico-cultural como elemento propulsor para o
Turismo Cultural na Lagoa Encantada**

Dissertação apresentada, para obtenção
do título de Mestre em Cultura & Turismo,
à Universidade Estadual de Santa Cruz.

Área de Concentração: Cultura

Orientadora: Profa. Dra. Janete Ruiz de
Macêdo

**ILHÉUS – BAHIA
2004**

REINALDO SOARES DOS SANTOS

O ENCANTO DA LAGOA:

**O imaginário histórico-cultural como elemento propulsor para o
Turismo Cultural na Lagoa Encantada**

Dissertação apresentada, para obtenção
do título de Mestre em Cultura & Turismo,
à Universidade Estadual de Santa Cruz.

Área de Concentração: Cultura

Orientadora: Profa. Dra. Janete Ruiz de
Macêdo

Ilhéus – BA, 26 /04/04

Janete Ruiz de Macêdo – Dra.
UESC
(Orientadora)

José Roberto de Lima Andrade – Dr.
UFSE

Marli Geralda Teixeira – Dra.
UFBA

DEDICATÓRIA

A Deus, senhor supremo de nossa vida. À minha mãe-pai Maria, que com muitos sacrifícios possibilitou-me os estudos. À minha companheira-esposa Mônica Ralile, fonte incentivadora e inspiradora que veio quebrar paradigmas num momento delicado da minha vida. Aos meus filhos Bruno, Igor e Nabylla, razão do meu esforço. E aos meus irmãos e irmãs, em especial Nilda e Flavio, pelas constantes presenças e gestos fraternos.

AGRADECIMENTOS

À DEUS, razão maior da nossa existência e do nosso saber.

À professora e amiga Janete Macêdo pela orientação não só desse trabalho mas da minha vida acadêmica, ela que sempre esteve presente desde a graduação como professora, até a minha condição de docente de ensino superior, primeiro na UESC e depois na FACSA, meus sinceros agradecimentos.

Aos colegas da segunda turma do Mestrado, a nossa sintonia nos fez companheiros. A Baísa, a mãe, Isabel, antiga companheira, as patricinhas Poli, Ara, Juli, Thiana e Renatinha; ao goiano Vinicius e ao sergipano Sérgio, meus agradecimentos movidos de saudades.

Aos colegas da Faculdade Santo Agostinho, em especial o amigo Genebaldo.

A Paulo Castro (Paulinho da Reitoria), pessoa humilde e competente que passei a conhecer, obrigado pela formatação deste trabalho.

Aos professores do mestrado, em especial José Roberto de Lima Andrade, pela amizade construída em Campo Grande, obrigado pela oportuna e útil sugestão ao texto e em participar de sua avaliação.

À professora Marli Geralda Teixeira, sempre mestra e orientadora, obrigado por participar da avaliação deste trabalho com as costumeiras sugestões.

Quero finalmente agradecer aos moradores da paradisíaca Lagoa Encantada, em especial ao Joca, pela atenção e contribuição dada durante as entrevistas, as quais foram fundamentais para a execução deste trabalho.

O ENCANTO DA LAGOA:

“O imaginário histórico-cultural como elemento propulsor para o turismo cultural na Lagoa Encantada”

Autor: REINALDO SOARES DOS SANTOS

Orientadora: Profa. Dra. JANETE RUIZ DE MACÊDO

RESUMO

A Lagoa Encantada, antes chamada de Lagoa Grande, Lagoa de Itaipe ou Itaipe, está situada ao norte da cidade de Ilhéus, sul da Bahia, no distrito de Castelo Novo. Apresenta-se como um importante atrativo turístico da região, despertando grande fascínio nos seus visitantes em razão de sua beleza natural, preservação ambiental e rico imaginário histórico-cultural, o qual foi construído desde o séc. XVI com os viajantes e cronistas portugueses, perpassando até aos nossos dias, quando são lembrados pelos moradores antigos quando estes relatam as lendas que circundam a Lagoa, tornando-a Encantada. Este imaginário, que faz parte da identidade cultural dos moradores da Lagoa Encantada, pode ser um elemento motivador na inserção do turismo cultural nesta localidade, propiciando uma valorização da cultura local e sua afirmação identitária aliada a um desenvolvimento econômico para a comunidade que é tão carente de oportunidades de emprego e renda, tendo dessa forma, o turismo como aliado e não como destruidor da cultura local.

PALAVRAS – CHAVES: Imaginário , Turismo Cultural, Identidade

THE ENCHANTMENT OF THE LAGOON:

“O imaginary description-cultural as propeller element for the cultural tourism in the Magic Lagoon”

Author: REINALDO SOARES DOS SANTOS

Orienting: Profa. Dra. JANETE RUIZ MACÊDO

ABSTRACT

The Magic Lagoon, before called Great Lagoon, Lagoon of Itaípe or taípe, is situated to the north of the city of Ilhéus, south of the Bahia, in the district of New Castle. It is presented as important attractive tourist of the region, despertando a great allure in its visitors in reason of its natural beauty, description-cultural imaginary ambient and rich preservation, which was constructed since séc. XVI with the travellers and Portuguese cronistas, perpassando until the our days, when they are recollected by the old inhabitants when these tell the legends that surround the Lagoon, becoming it Magic. This imaginary one, that it is part of the cultural identity of the inhabitants of the Magic Lagoon, can be a motivador element in the insertion of the cultural tourism in this locality, propitiating a valuation of the local culture and its allied identitária affirmation to a economic development for the community that is so devoid of chances of job and income, having of this form, the tourism as ally and not as annihilating of the local culture.

Words keys: Imaginary, Cultural Tourism, Identity

LISTA DE FIGURAS

FIGURAS	PÁGINAS
01 – Mapa das Capitanias Donatárias.....	27
02 - Vista parcial da Lagoa Encantada.....	33
03 – Mapa hidrológico do Município de Ilhéus.....	35
04 – Vista parcial das corredeiras do Ribeirão das Caldeiras.....	36
05 – Perfil da Idade dos turistas.....	67
06 – Perfil do Sexo dos turistas.....	69
07 – Estado civil dos turistas.....	70
08 – Renda Média Mensal dos turistas.....	71
09 – Origem/Procedência dos turistas.....	73
10 – Nível de Escolaridade dos turistas.....	74
11 – Profissão/Ocupação dos turistas.....	76
12 – Motivação em conhecer a Lagoa Encantada.....	77
13 – Grau de conhecimento das Lendas sobre a Lagoa Encantada.....	78
14 – O que mais atraiu durante o passeio.....	79
15 – Retornaria à Lagoa Encantada?	80
16 – Motivação em retornar à Lagoa Encantada.....	81
17 – As lendas como elemento motivador para o Turismo Cultural na Lagoa..	82
18 – Depoentes	104

Sr. Joilson Costa (Joca da Lagoa

Sr^a Raimunda (Dona Mundinha)

Sr. Celson Lima

Dona Zilda

Sr. José Rosendo (Zé do Norte)

Sr^a Edite Neres

Sr. Vavá Piau

Dona Martinha

19. Localidades de Pontos Turísticos de Ilhéus.....	115
20. Área da Lagoa Encantada.....	116

LISTA DE TABELAS

TABELA	PÁGINAS
01 – Quadro comparativo dos turistas por idade.....	68
02 - Quadro comparativo dos turistas por sexo.....	69
03 – Quadro comparativo dos turistas por renda.....	72
04 – Quadro Comparativo dos turistas pelo Nível de Escolaridade.....	75

SUMÁRIO

	RESUMO	V
	ABSTRACT	VI
	LISTA DE FIGURAS	VII
	LISTA DE TABELAS	IX
1	INTRODUÇÃO	12
2	A LAGOA ENCANTADA DE SÃO JORGE DOS ILHÉUS	26
2.1	Ilhéus: Breve Histórico.....	26
2.2	O Turismo em Ilhéus.....	31
2.3	Lagoa Encantada: Espaço e Tempo.....	32
3	A PRODUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DO IMAGINÁRIO HISTÓRICO-CULTURAL DA LAGOA ENCANTADA	43
3.1	Descrição das Lendas.....	48
3.1.1	A lenda do Canapú.....	48
3.1.2	Lenda do Nêgo D'água.....	49
3.1.3	Lenda do(a) Biatatá.....	50
3.1.4	Lenda da Pedra da Arigoa.....	53
3.1.5	Lenda da Sereia.....	54
3.1.6	Lenda da Ilha do Galo Encantado.....	56
3.1.7	Lenda do Navio Iluminado.....	57
3.1.8	A memória como construtora da história.....	59
4	O IMAGINÁRIO HISTÓRICO-CULTURAL COMO ELEMENTO PARA O TURISMO CULTURAL NA LAGOA ENCANTADA	63
4.1	Perfil dos Turistas.....	67
4.1.1	Idade dos turistas.....	67
4.1.2	Sexo.....	68

4.1.3	Estado Civil.....	70
4.1.4	Renda Média Mensal dos Turistas.....	70
4.1.5	Origem/Procedência.....	72
4.1.6	Nível de Escolaridade dos Turistas.....	73
4.1.7	Profissão/Ocupação.....	75
4.1.8	Motivação da Viagem.....	76
4.1.9	Motivação em conhecer a Lagoa Encantada.....	77
4.1.10	Qual o seu grau de conhecimento das lendas sobre a Lagoa Encantada?	77
4.1.11	Durante o passeio, o que mais lhe atraiu?	79
4.1.12	Retornaria a Lagoa Encantada?	79
4.1.13	Por ordem de motivação, enumere o que lhe faria retornar à Lagoa Encantada.....	80
4.1.14	As lendas e mitos são elementos motivadores para o Turismo Cultural na Lagoa Encantada?	82
4.1.15	Planejamento do Turismo-Cultural.....	83
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS E SUGESTÕES.....	87
	REFERÊNCIAS.....	95
	ANEXO I - Tabela 01 – Perfil dos depoentes das lendas sobre a Lagoa Encantada.....	103
	ANEXO II – Fotos de Moradores.....	104
	ANEXO III - Formulário para Entrevista dos Turistas.....	108
	ANEXO IV - Tabelas da Pesquisa.....	110
	ANEXO IV – Dados Comparativos.....	114
	ANEXO V – Mapas.....	115
	ANEXO VI - Lendas Da Lagoa Encantada.....	117

1 INTRODUÇÃO

O termo turismo surgiu no século XIX, porém a atividade estende suas raízes pela história, desde as primeiras grandes civilizações onde o ato de viajar era uma necessidade. Mas foi a partir da Segunda Guerra Mundial que o turismo evoluiu enquanto atividade econômica, como consequência dos aspectos relacionados à produtividade empresarial, ao poder de compra das pessoas e ao bem-estar resultante da restauração da paz no pós-guerra.

Anteriormente restrita a uma elite que dispunha de tempo e dinheiro para viajar, hoje o turismo abrange uma parcela significativa da receita econômica mundial. Segundo a World Travel and Tourism Council (WTTC), "o turismo é o maior gerador de empregos no mundo {...}. Em 2010, espera-se que alcance o número de 283 milhões. A indústria de viagens e turismo pode responder por 4 trilhões de dólares da atividade econômica no mundo inteiro". (Apud, BURNS, 2002, p.42).

No Brasil, o desempenho do turismo sempre foi muito complicado, porque a política vem se sobrepondo à técnica. Ainda que seja um país beneficiado pelo seu vasto território, diversificado em natureza e cultura e possuidor de características diferenciais competitivas, o seu poder de atratividade consegue conquistar apenas uma fatia de 0,77% do total do fluxo turístico mundial, hoje na casa de 657 milhões

de viagens (Organização Mundial de Turismo - OMT). Segundo a EMBRATUR (Apud, ATUNES,2003, p.90), em 2002, apenas 3,8 milhões de turistas estrangeiros visitou o Brasil, número 20% menor ao registrado em 2001. Pelos dados obtidos no Estudo de Mercado Interno de Turismo no Brasil em 2001, feito pela FIPE/EMBRATUR, estima-se que o consumo doméstico no Brasil relativo ao exercício de 2001, foi de R\$48,4 bilhões, correspondendo a 4,1% do PIB.

Localizado no sul da Bahia, Ilhéus é um Município com Potencial Turístico (MPT), possui vantagens comparativas como recursos naturais e culturais expressivos, além de uma infra-estrutura invejável dotada de Aeroporto, Porto e uma excelente malha rodoviária. Com todas essas vantagens e possuindo atratividades turísticas na área do ecoturismo, turismo rural, turismo de saúde, turismo esportivo e turismo cultural, ilhéus não se consolidou como um pólo turístico, haja visto não conseguir transformar essas imensas atratividades em produtos turísticos, tornando as vantagens comparativas existentes em vantagens competitivas.

Dos atrativos turísticos existentes em Ilhéus, destaca-se a Lagoa Encantada, que se apresenta como um importante atrativo turístico da região, despertando grande fascínio nos seus visitantes em razão de sua beleza natural, preservação ambiental e rico imaginário histórico-cultural.

Até o século XIX, os relatos sobre a Lagoa não contemplavam o nome Encantada. Recorrendo aos escritos de viajantes que percorreram a região no século XVI, Gabriel Soares de Souza, no seu *Tratado Descritivo do Brasil*, a chamava de Lagoa Grande; no século XIX os naturalistas Spix e Martius na sua obra *Viagem ao Brasil* identificou-a como a Lagoa de Almada.

Localizada ao norte de Ilhéus, a Lagoa Encantada é formada pela junção dos rios Pipite e Caldeiras, que fazem parte da Bacia Hidrográfica do Almada. A vegetação entrelaçada nas margens da lagoa forma verdadeiras florestas que se desprendem, constituindo grandes ilhas que se movem – as ilhas flutuantes. Com objetivo de preservar a Lagoa e o seu entorno, o governo do Estado criou a partir do decreto nº 2.217 de 16/06/1993, a Área de Proteção Ambiental (APA) da Lagoa Encantada, com área de 11.800 hectares. Ela apresenta uma riqueza cultural extraordinária, dotada de um imaginário formado por lendas e mitos que a torna misteriosa. Riqueza cultural essa, construída por pessoas que vivem no entorno da lagoa, e que, através da oralidade perpetua o pensar constituído numa temporalidade histórico-cultural, e que no presente se defronta com uma necessidade de recriar e manter esse imaginário.

Para Le Goff (1986), o estudo do imaginário e seu arsenal simbólico representam o aparecimento de uma nova valorização cultural. Os paradigmas criados no âmbito do imaginário atuam efetivamente, organizando ações e comportamentos ancorados numa tradição que perpassa a temporalidade de uma sociedade. A realidade não se impõe ao sujeito, mas é também por ele moldada, sem polarizações, numa atividade criadora circular.

O imaginário criado em torno da lagoa, com suas lendas e mitos, incita o visitante a viajar numa temporalidade que não é do seu mundo real mas na qual ele se identifica, pois o imaginário através das mais diferentes linguagens, atua como um vigoroso caudal que atravessa obliquamente as formações sociais, penetrando todos os seus meandros, em todos os seus níveis, todas as classes sociais,

modelando conjuntos/pacotes de relações sociais hegemônicas, cuja duração compreende maior ou menor lapso de tempo.

Segundo Gilbert Durand (2001, p.47), “o imaginário é um conjunto de imagens e relações de imagens que constituem o capital pensante do *homo sapiens*”. Desta forma, sendo o imaginário base da realidade humana, a capacidade de representar a si própria, a sua vida e ao mundo, é campo privilegiado da história, daí que, evidenciar o imaginário histórico-cultural que envolve a Lagoa Encantada e a influência deste para o desenvolvimento do turismo cultural na Lagoa constitui objetivo geral deste trabalho, que também pretende perceber as interpretações que os moradores têm na construção deste imaginário, além de averiguar como o poder público se apropria do imaginário existente na Lagoa Encantada e o utiliza no seu planejamento turístico. Essas questões são um desafio na tentativa de entender a representação social que envolve os moradores e visitantes da lagoa, buscando assim, estudar, divulgar e valorizar a identidade cultural local.

O imaginário relaciona-se com a memória e, esta se concretiza a partir da lembrança, que para Ecléa Bosi (1998), é uma imagem construída pelos materiais que estão agora, à nossa disposição, no conjunto de representações, que povoam nossa consciência atual.

Na contemporaneidade, a memória tem por uma de suas funções, organizar o conhecimento do passado, ordenar o tempo e localiza-lo cronologicamente. Perceber dentro de uma temporalidade estabelecida o conhecimento acumulado por moradores e visitantes da Lagoa Encantada, é resgatar o passado de um grupo social que no presente sofre influência deste passado construído culturalmente. Neste sentido, é o indivíduo que recorda. Ele é o memorizador dos fatos do passado

a que tem acesso, podendo reter objetos que são, para ele, e só para ele, significativos dentro de um tesouro comum.

Este trabalho tem como objetivo geral, evidenciar a importância do imaginário histórico – cultural que envolve a Lagoa Encantada e sua influência para o desenvolvimento do turismo cultural nesta localidade. Para alcançar tal objetivo, foi proposto três objetivos específicos: identificar o imaginário histórico-cultural que envolve a Lagoa Encantada; diagnosticar a influência que esse imaginário exerce sobre o turismo cultural na Lagoa e averiguar como o poder público se apropria do imaginário existente na Lagoa Encantada e o utiliza no seu planejamento turístico.

No campo teórico, este projeto está inserido na linha historiográfica da história cultural. O termo história cultural remonta a fins do século XVIII na Alemanha, quando foram publicadas as obras de Johan Christoph Adelung “Ensaio de uma história da cultura da raça humana (1782)” e Johan Gottfried Eichhorn “História geral da cultura (1796-9)”.

O século XIX testemunhou uma extensa lacuna entre história cultural, basicamente abandonada à história amadora e profissional, e história positivista, cada vez mais interessada em política, documentos e fatos concretos. A Cultura do Renascimento na Itália de Jacob Burckhardt, publicado pela primeira vez na década de 1860, seria um dos importantes trabalhos de história cultural no século XIX, rompendo com os ditames da história tradicional tão presente naquele período. Esta obra, era um estudo concentrado na história cultural e descrevendo mais as tendências do que narrando os acontecimentos.

No século XX, destaca-se o trabalho fundador de Marc Bloch intitulado "Os Reis Taumaturgos", que segundo Gouvêa (1998, p.4), é um trabalho fundador "na medida em que ele constitui num raro exemplo de capacidade do historiador em realizar uma história que é política, mas também cultural, social", buscando ainda estabelecer a relação de todos os elementos analisados com a dimensão mais ampla do social na história ocidental da Baixa Idade Média. Bloch, que junto com Lucien Febvre fundaram, em 1929, a revista *Annales d'Histoire Economique et Sociale*, primeiro nome do famoso periódico que acabaria por se estender ao próprio movimento da história nova francesa.

A partir da década de 1970, a chamada nova história passa a ser definida e difundida. Inicialmente, historiadores franceses liderados por Jacques Le Goff e Pierre Nora organizaram a famosa e prestigiosa trilogia "História: Novos problemas, Novas Abordagens e Novos Objetos". Seguindo a tendência surge, mais tarde, a Micro-história do italiano Carlo Ginzburg, seguidor teórico do historiador marxista russo Mikhail Bakhtin e a antropologia histórica que começava a ser praticada por certos historiadores norte-americanos.

Além dos já acima citados, surgirão destacados historiadores da cultura como o inglês Edward Thompson, especialmente na sua obra sobre movimentos sociais e cotidiano das classes populares na Inglaterra do século XVIII. A história cultural do francês Roger Chartier, que com seus estudos sobre *leituras e leitores na França do Antigo Regime*, insere os conceitos de representação e apropriação cultural. Para Chartier (1990, p.19):

a história cultural, tal como entendemos, tem por principal objeto, identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. Uma tarefa deste tipo supõe vários caminhos[...] São estes esquemas intelectuais

incorporados que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro torna-se inteligível e o espaço decifrado.

Nos Estados Unidos, o historiador Lynn Hunt, pode ser citado como representante da história cultural neste país, o qual publicou em 1992, "A Nova História Cultural", coletânea de ensaios dividida em duas partes. A primeira, refere-se a modelos de história cultural, enfocando Foucault, E. Thompson, Clifford Geertz e concluindo com os literários Hayden White e Dominick LaCapra. A segunda parte, refere-se a novas abordagens da história cultural, destacando-se a participação do francês Roger Chartier já citado anteriormente.

A história antropológica norte-americana tem no antropólogo Clifford Geertz, seu maior expoente. Autor na década de 1970 da "Interpretação das Culturas" e na década seguinte de "O saber local", Geertz tornou-se referência no estudo da interpretação da cultura. Em "Interpretação das culturas", (1978), ele diz que a análise cultural implica uma "densa descrição". A descrição tem por finalidade examinar o comportamento público em termos do que ele diz, não do que faz. Lê o conteúdo simbólico da ação, interpretando-a como signo. Em "*O saber local*", (2002), o antropólogo refere-se a universos significativos e às perspectivas inerentes que lhes dão vida. Sugere o estudo de um saber local nos moldes históricos.

A partir dessa abordagem, que envolvem a memória, Identidade, imaginário e cultura, situando a história cultural como campo de estudo, percebido o pluralismo conceitual do termo cultura, será usado como referencial neste trabalho, o conceito definido por Clifford Geertz, segundo o qual a cultura pode ser entendida:

como um padrão, transmitido historicamente, de significados corporizados em símbolos, um sistema de concepções herdadas, expressas em formas simbólicas, por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e

desenvolvem o seu conhecimento e as atitudes perante a vida (*Apud*, CHARTIER, 1990, p.67).

Neste trabalho, a metodologia usada para tornar a memória ativa e presente foi coletar depoimentos de moradores da lagoa e seu entorno a partir da história oral temática, pois ela se constitui numa excelente técnica para se efetuar um estudo de questões ainda um pouco exploradas, mesmo considerando que ela é narrativa de uma versão do fato. Pretende-se que a história oral temática busque a verdade de quem presenciou um acontecimento ou que pelo menos dele tenha alguma versão discutível ou contestatória como é o caso do imaginário histórico-cultural da Lagoa Encantada. Para isso, foi selecionada uma rede de depoentes formada por moradores de ambos os sexos, com idade acima de 35 anos e que residem no mínimo dez anos no povoado de Areias, (local onde se encontra a Lagoa Encantada) e que exerçam atividades relacionadas à pesca e ao comércio.

Os depoimentos colhidos neste trabalho, serão usados numa transcrição integral, ou seja, será mantido o vocabulário dos depoentes como forma de valorizar os relatos individuais. No final deste trabalho, como anexo, essas transcrições sofrerão uma adequação gramatical para fins de publicação em forma de cartilha.

Segundo Portelli (2001, p.10), história oral “é uma forma específica de discurso: história evoca uma narrativa do passado; oral indica um meio de expressão”. Diante deste conceito de Portelli, a história oral enquanto fonte, técnica e método de pesquisa em história e ciências sociais, possibilitará o resgate do passado existente nas lendas que compõem o imaginário histórico-cultural da Lagoa Encantada. A expressão história oral, contém uma ambivalência que, intencionalmente, refere-se simultaneamente aos que ouvem (as fontes orais) e ao

que dizem ou escrevem. Num plano outro, remete ao que a fonte e o historiador fazem juntos no momento de seu encontro na entrevista.

Para Bakhtin (*Apud*, PORTELLI, 2001, p.10):

a complexidade da história oral, como uma seqüência dos processos e construções verbais gerados pelos encontros culturais e pessoais no contexto do campo de trabalho entre narrador (ou narradores) e o historiador, deriva em larga extensão da rica heteroglossia que resulta de uma forma dialógica do discurso.

Sendo assim, para Portelli, (2001, p.11), “a história oral é ao mesmo tempo, um gênero de narrativa e um discurso literário, e um agrupamento de gêneros {...}”. A história oral se altera entre narrativa centrada no desempenho e documento centrado no conteúdo, entre história de vida centrada no assunto sujeito e testemunho centrado no tema. Na prática, a história oral permanece mais no entre: seu papel é precisamente conectar a vida aos tempos, a primazia à representatividade, tão bem como a oralidade à escrita.

As primeiras experiências sistemáticas no campo da História Oral no Brasil, foram iniciadas em 1975, a partir de cursos fornecidos por especialistas mexicanos e norte-americanos na fundação Getulio Vargas, no Rio de Janeiro. Segundo Moraes (1994.p.9):

esses cursos consistiram na apresentação e discussão dos princípios norteadores do método da História Oral, com base no currículo do Oral History Program, da Columbia University, e voltaram-se para um público específico de professores e pesquisadores da área de história e ciências sociais oriundos de diversas instituições.

O documento oral representa grande potencial para a revisão de interpretação e a formulação de novas teorias, na medida em que é capaz de fazer surgir novas questões e novos campos de investigação. Por essas características, a história oral

abriu novas possibilidades para abordagem de inúmeras faces da realidade social.

Para Freire e Pereira (2002, p. 124):

o grande mérito da história oral é poder dar conta, como nenhuma outra metodologia, da complexidade da realidade, permitindo que seja recriada a multiplicidade original de pontos de vista [...] Ao gerar novas histórias e novas interpretações, ela está contribuindo para o processo de dar voz a experiências vividas por indivíduos e grupos que foram excluídos ou marginalizados de narrativas históricas anteriores, ou seja, os esquecidos de sempre.

Relacionando-se à memória, a história oral restitui o passado a partir do presente, o que quer dizer que toda lembrança pertence ao passado e ao presente. A história oral permite aprender como a memória de um grupo se constitui e se transmite, como ela ajuda a reforçar sua identidade e a assegurar sua permanência para além da esfera da vida de seus membros individuais. Não há história oral antes do encontro de duas pessoas diferentes, uma com uma estória para contar e a outra com uma história para reconstruir.

A história oral como o turismo cultural, lidam com viagens no tempo e no espaço, atendendo à necessidade que todos temos, moradores e visitantes, de nos reconhecermos e nos diferenciarmos no contato com o outro.

(...) a história oral e o turismo cultural tem alguns aspectos em comum: a democratização do conhecimento sobre o passado e o reconhecimento das diferentes vozes que o traduzem no presente; o interesse em se aproximar do 'senso comum' e em ampliar o acesso aos bens culturais e aos testemunhos da história; o interesse pela memória e a construção da identidade coletiva. (Freire & Pereira, 2002, p. 128)

Uma vez coletado os depoimentos orais dos moradores da Lagoa Encantada e suas versões das lendas; a segunda etapa da pesquisa de campo deste trabalho foi entrevistar 200 turistas que visitaram a Lagoa Encantada nos meses de Dezembro de 2003 e Janeiro e Fevereiro de 2004, os quais responderam um

questionário que envolvia questões referentes ao perfil individual e às motivações para sua vinda à Lagoa Encantada. O objetivo deste questionário de amostragem foi diagnosticar se o imaginário histórico-cultural constitui em elemento motivador para o Turismo Cultural na Lagoa Encantada. Os resultados e comentários dessa amostragem serão apresentados no capítulo III.

O número de entrevistados foi definido a partir dos seguintes dados:

- Barco fixo que faz a viagem para a Lagoa Encantada saindo do clube Náutilus no Jóia do atlântico, de propriedade do Sr. Paulo;

- Capacidade individual do Barco = 15 pessoas;

- Média de viagens feitas p/ semana = 02

- Média de pessoas transportadas p/ semana = 30 pessoas

- Média de pessoas transportadas p/ mês = 120 pessoas

- Média de pessoas transportadas nos meses de Dezembro/Janeiro/Fevereiro = 360 pessoas

Dessa forma, estabeleceu a entrevista de 55,5% dos turistas que visitaram a Lagoa Encantada usando barco, totalizando-se 200 visitantes das mais diversas regiões do país.

Na área do turismo, dentre tantos conceitos existentes, o de Suzana Gastal atende ao desenvolvimento deste trabalho, daí nos apropriamos dele.

É uma experiência social que envolve pessoas que se deslocam no tempo e no espaço em busca de prazer e diversão que atendam não apenas as suas

necessidades físicas imediatas, mas também os seus imaginários. (2002, p.8)

O conceito de Gastal nos possibilita a ver o turismo não apenas como uma atividade mercantilista, mas o ato de nos remeter a um deslocamento temporal e espacial motivado por nossos imaginários que venham atender, neste caso, a um interesse particular, daí que recorreremos ao turismo cultural como tipo de motivação que se pretende desenvolver na Lagoa Encantada, agregando-se à motivação do ecoturismo já existente, sendo assim, Vânia Moletta será a referencial teórica.

o acesso ao patrimônio cultural, à história, à cultura e ao modo de viver de uma comunidade[...] Caracteriza-se pela motivação do turista em conhecer regiões onde seu alicerce está baseado na história de um determinado povo, nas suas tradições e nas suas manifestações culturais, históricas e religiosas" (MOLETTA, 2001, p 9-10)

Segundo Barroco (2000, p. 9), "a cultura é a matéria prima básica do turismo[...]". Pesquisas recentes evidenciam que 32% dos turistas estão muito interessados em produtos culturais, entre outros. A motivação do turismo cultural depende muito mais do turista do que do próprio destino escolhido, pois a simples oportunidade de conviver com o povo da localidade já é um atrativo para aqueles que sabem apreciar a cultura. Por outro lado, a não conscientização do turista pode tornar-se uma ameaça ao destino visitado, colocando em risco monumentos, igrejas, obras de arte e, até mesmo, a tradição do povo local.

No tocante às motivações para a escolha dos destinos turísticos no turismo cultural, segundo Moletta (2001,p.8):

as pessoas se deslocam por inúmeros motivos dentro do turismo cultural, pela gastronomia, pelo artesanato, pelas festas folclóricas, cidades

históricas, enfim, o turismo é e será a grande atividade econômica do século XXI.

Conseguindo alcançar o objetivo geral deste trabalho anteriormente apresentado, possibilitaremos a junção do turismo enquanto atividade econômica e a cultura enquanto elemento representativo de uma dada sociedade, demonstrando assim, a possibilidade de convívio sustentável entre o Turismo e a Cultura local. Para chegar a tal propósito, este trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro, denominado a Lagoa Encantada de São Jorge dos Ilhéus, relata um breve histórico de Ilhéus, desde a condição de Capitania hereditária até os dias atuais como um Município de Potencial Turístico (MPT). Neste particular, faz uma identificação histórica e geográfica da Lagoa Encantada, inserindo-a num tempo e espaço estabelecidos enquanto objeto de estudo deste trabalho.

O segundo capítulo tem como título, a Produção e Interpretação do Imaginário Histórico-Cultural da Lagoa Encantada, onde mostra as noções conceituais de Memória, Imaginário, Cultura e Identidade, fazendo suas correlações e inserções com o imaginário histórico-cultural produzido pelos moradores da Lagoa Encantada, os quais estão representados por Joca da Lagoa, Seu Celson Lima, D. Mundinha, Dona Zilda, Dona Edite, Seu Zé do Norte, Vavá Piau e Dona Martinha. Essas pessoas, moradores antigos do povoado de Areas (local onde encontra-se a Lagoa Encantada), relataram o que viram e ouviram falar a respeito dos encantos da lagoa, os quais estão descritos neste capítulo, como as lendas da Biatatá com seus feixes de fogo; da Ilha do Bacuparituba (antigo cemitério indígena) e do Cutiatã; a lenda do Canapú, peixe enorme que engole pescador; a Pedra da Arigoa e suas escadarias encantadas; a lenda da sereia que encanta os pescadores com suas canções melodiosas; o Nego d'água, misterioso com seus aparecimentos e

desaparecimentos rápidos; a ilha do Canta Galo, com o famoso galo encantado, em fim, todas essas lendas que tornam a Lagoa ser Encantada, estão relatadas e interpretadas no capítulo II deste trabalho.

O Capítulo III, intitulado o Imaginário histórico-cultural como elemento para o Turismo Cultural na Lagoa Encantada, apresenta os resultados da pesquisa de campo por meio de gráficos com suas respectivas interpretações. Há também, tabelas que comparam o perfil dos turistas que visitam a Lagoa Encantada com os turistas do Nordeste e do Brasil de forma geral. Este capítulo conclui enfocando questões teóricas acerca do Turismo Cultural, envolvendo noção conceitual, os impactos positivos e negativos e noções de planejamento.

Nos anexos são demonstrados o perfil dos depoentes e suas respectivas fotos, tabelas relacionadas aos dados obtidos nos questionários feitos aos turistas e a transcrição das lendas relatadas pelos depoentes com as devidas adequações gramaticais para fins de publicação em forma de cartilha, que é uma das propostas deste trabalho.

2 A LAGOA ENCANTADA DE SÃO JORGE DOS ILHÉUS

2.1 Ilhéus: Breve Histórico

Em setembro de 1532, D. João III resolvera junto aos seus conselheiros, adotar o sistema de capitanias-donatárias nas terras brasílicas, o que viria a ser concretizado somente em 1534. No período compreendido entre 10 de Março de 1534 e 28 de janeiro de 1536, o monarca concedeu doze capitanias-donatárias, divididas em 15 lotes, a doze titulares, abrangendo um total de 735 léguas de costa, obedecendo aos limites demarcatórios do Tratado de Tordesilhas.

Os donatários destas capitanias tinham a obrigação de financiar com recursos próprios a implantação de um sistema produtivo em seus lotes. Além disso, deviam organizar a defesa da sua área, edificar estruturas defensivas em locais estratégicos, construir navios para patrulhar o litoral e os cursos dos rios, contratar bombardeiros e dirigir a formação das milícias.

A capitania de Ilhéus foi doada a Jorge de Figueiredo Correia em 26 de julho de 1534, com 50 léguas de costa, limitando-se ao norte com a capitania da Bahia, sendo dividida pelo rio Jaguaribe, e ao Sul com Porto Seguro, tendo como limite o rio Grande, atual Jequitinhonha. O foral, documento que legitimava a doação, foi concedido no dia 11 de março de 1535.

Mapa das Capitanias Donatárias

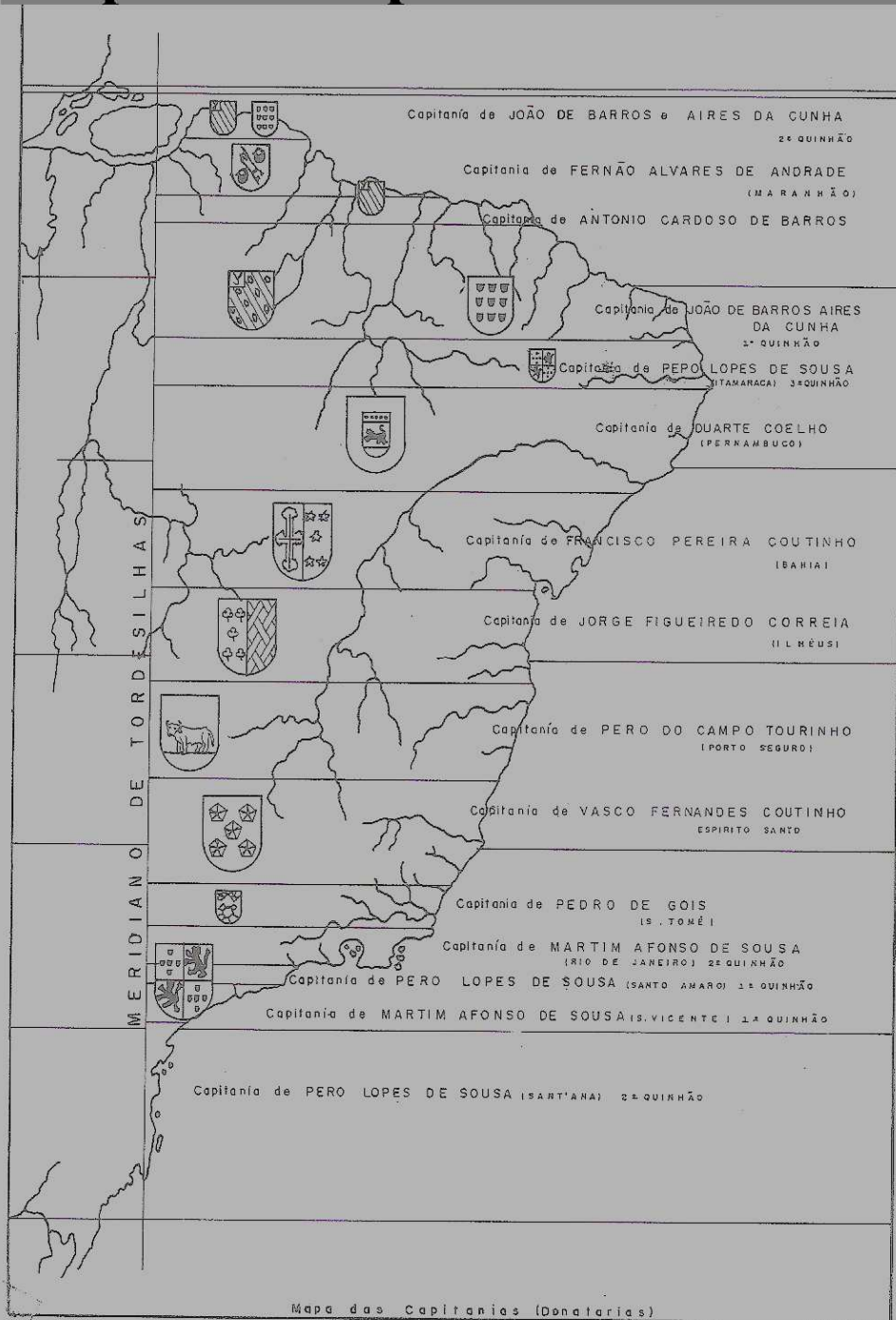


Figura 1 – Mapa das Capitanias Donatárias.

Jorge de Figueiredo Correia era escrivão da fazenda e historiógrafo do Rei. Possuía prestígio e, ao lado de Fernão Álvares de Andrade, era um dos homens mais ricos de Portugal. Em face às suas atribuições na corte, não pôde vir para sua capitania, mandando em seu lugar, o espanhol Francisco Romero, que vivia há anos em Lisboa. Com os recursos financeiros e materiais conseguidos por Jorge de Figueiredo, Romero partiu de Lisboa provavelmente depois da concessão do foral, ou seja, entre abril e maio de 1535 com aproximadamente 250 homens e 3 naus para colonizar a capitania.

Francisco Romero, após passar pela Baía de Todos os Santos, chegou provavelmente entre setembro e outubro de 1535 no morro de São Paulo, localizado na Ilha de Tinharé. Neste local, Romero iniciou o povoamento da capitania de Ilhéus, em decorrência da localização estratégica do morro que lhe permitia uma visão privilegiada para obter segurança, além de ficar próxima da capitania da Bahia.

Romero partiu da ilha de Tinharé rumo ao sul, onde encontrou um bom ancoradouro, que seria a baía do Pontal. Neste local ele funda a sede da capitania no alto de um outro morro que veio a ser chamado de São Sebastião, sendo conhecido hoje por outeiro de São Sebastião. À vila, ele denominou de São Jorge dos Ilhéus, em homenagem ao seu patrão e proprietário das terras, fato acontecido por volta dos primeiros meses do ano de 1536.

Os primeiros anos da capitania foram de sucesso. Assim como o Capitão-donatário de Porto Seguro, Francisco Romero procurou se aliar aos Tupiniquim, o que foi de muito proveito, pois os nativos ajudaram na derrubada das matas e na proteção contra os inimigos Aimoré.

Entre 1545 a 1550, além dos conflitos internos envolvendo Romero e os colonos, a vila de Ilhéus sofre a ação dos ataques constantes dos Aimoré, que, estando nas matas, foram perseguidos pelos colonos que os queriam escravizar nas lavouras de cana, em decorrência da escassez de mão-de-obra. Esses ataques dos Aimoré provocaram a retirada dos colonos e dos Tupiniquim dos limites da capitania, dando início ao declínio desta.

Ao final de 1550, em pleno conflito entre colonos portugueses e os Aimoré, morre em Lisboa, o donatário Jorge de Figueiredo. Em 1560, seu filho Jerônimo de Figueiredo Alarcão vende a capitania por 4825 cruzados a Lucas Giraldes, que além de banqueiro florentino era proprietário do engenho de Santo Antônio da Ribeira das Pedras, na região da Lagoa Encantada. Neste mesmo ano, a Vila de São Jorge dos Ilhéus sofreu um ataque indígena, tendo sido suas plantações devastadas e a população expulsa. Esse ataque foi rechaçado por uma ação pessoal do Governador-Geral Mém de Sá e de sua gente.

No dia 13 de dezembro de 1565 o donatário Lucas Giraldes morre, passando a capitania para seu filho Francisco Giraldes, que, em março de 1588, será nomeado Governador-Geral do Brasil em substituição a Manuel Teles Barreto. Após duas tentativas de navegação para o Brasil, Francisco Giraldes desistiu de exercer as funções de governador, falecendo logo após. Com o seu falecimento, a capitania passa a pertencer sua filha D.Maria Giraldes até 1619, quando foi leiloada. Em 1595, a vila-sede da capitania sofreu o ataque de uma esquadra francesa, quando os tripulantes permaneceram por 27 dias na vila em confronto com os moradores, os quais, sob a liderança do mameluco Antonio Fernandes, mais conhecido por "Catucada", expulsaram os invasores.

Com o constante declínio que vinha sofrendo ocasionado por vários problemas internos, em 1619 a capitania de Ilhéus vai a leilão, sendo comprada por D. Helena de Souza a um preço de 17 mil cruzados, tornando-se a quinta donatária da Capitania de São Jorge dos Ilhéus.

Quarenta anos após ter sofrido o ataque da esquadra francesa, a vila de Ilhéus é invadida desta vez por holandeses liderados por João Lichtart, mas foram bravamente combatidos pela população. Em decorrência do completo abandono, a Capitania de Ilhéus passou, em 1754, a pertencer a Coroa portuguesa, pondo fim a uma série de insucessos de domínio particular. Em 28 de junho de 1881, a vila de Ilhéus foi elevada à categoria de cidade, por determinação da Assembléia Legislativa Provincial, porém, só em 1939 o prefeito municipal Mário Pessoa, assinou ato decretando o dia 28 de junho, como feriado municipal de emancipação política.

Localizado no sul da Bahia, o município de Ilhéus tem uma área total de 1.841 km², com uma população de 221.883 habitantes (censo 2001 do IBGE), sendo 161.898 na zona urbana e 59.985 na zona rural. Possui uma densidade demográfica de 120,52 habitantes por km².

Tendo na cana-de-açúcar e na mandioca seus principais produtos econômicos no período de Capitania, a cidade de Ilhéus terá no Cacau sua redenção econômica, o qual chegou na região por volta de 1746. Cem anos depois das primeiras plantações de Cacau, em 1856 começa uma nova fase da sua história, denominada de “Civilização do Cacau”, com muita prosperidade, mudança cultural e o surgimento de um grupo social que tornou-se emblemático na história contemporânea da região: os coronéis do cacau. Estes homens detinham o tripé social formado por status, poder e dinheiro. Com este tripé, eles direcionavam a vida

da cidade, imprimindo uma ordem vigente pautada no fruto de “ouro”. A cidade e região pensava e respirava cacau. Vários imigrantes estrangeiros chegavam à região convivendo com nordestinos, principalmente sergipanos que aqui vinham na esperança de enriquecerem com o cacau.

Este clima de euforia perdurou até o final da década de 20 do século passado, pois a partir de 1930, crises cíclicas pelas quais passou a cacauicultura, fez com que a cidade e sua gente perdesse o esplendor econômico dos anos anteriores. Medidas públicas são tomadas, como a criação do Instituto de Cacau da Bahia (ICB) e da Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (CEPLAC), permitem o erguimento da região, mas deixa em evidência a fragilidade de uma economia pautada na monocultura.

Por volta de 1989, um tiro de misericórdia abate sobre a frágil economia regional com a descoberta da vassoura-de-bruxa, doença que praticamente acabou com a lavoura cacaueira, fazendo com que, de forma inédita, a região importasse cacau da Malásia e países africanos para abastecer as indústrias do distrito industrial de Ilhéus. Aliada a essa doença, configura em âmbito mundial, a queda dos preços da arroba de cacau cotada na bolsa de Londres, levando a uma desvalorização das fazendas de cacau.

2.2 O Turismo em Ilhéus

Com esta situação econômica, Ilhéus ver no turismo a saída para sua sobrevivência. Em 1982, é criada a Ilhéustur, primeiro órgão oficial de turismo no interior da Bahia, hoje Conselho Ilheense de Turismo, com a finalidade de coordenar toda ação turística municipal.

Outros órgãos foram criados para promover o desenvolvimento do turismo de Ilhéus: Associação de Turismo de Ilhéus (ATIL); Conselho de Turismo de Olivença (CTO); Conselho Municipal de Turismo de Ilhéus (CMI); Plano Estratégico de turismo de Ilhéus (PET) e Fundo de Desenvolvimento Turístico (FUNDETUR).

Sendo um Município com Potencial Turístico (MPT), Ilhéus possui vantagens comparativas como recursos naturais e culturais expressivos, encontrando no turismo diretrizes para o seu desenvolvimento sócio-econômico. Possuindo motivações turísticas na área do ecoturismo, turismo rural, turismo de saúde, turismo esportivo e turismo cultural, Ilhéus se consolida como o terceiro destino turístico da Bahia, sendo superada apenas por Salvador e Porto Seguro.

2.3 Lagoa Encantada: Espaço e Tempo

Dos atrativos turísticos existentes em Ilhéus, destaca-se a Lagoa Encantada, que desperta grande fascínio nos seus visitantes em razão de sua beleza natural, preservação ambiental e rico imaginário histórico-cultural.

Vista Parcial da Lagoa Encantada



Figura 02 - Foto de Reinaldo Soares.

Para consolidar a identidade do grupo, seja ela uma pequena comunidade como a da Lagoa Encantada ou uma grande nação e transforma-la em um atrativo cultural, uma das estratégias mais necessárias é a identificação da sua origem. A Lagoa Encantada, antes chamada de Lagoa Grande, Lagoa de Itaípe ou Taípe, sendo a maior lagoa natural de água doce da Bahia com 6,4 km² de espelho d'água, cercado por fazendas e mata nativa, está situada ao norte de Ilhéus, no distrito de Castelo Novo, antigo aldeamento indígena da tribo dos querén a 34 km da cidade de Ilhéus e a 20 km do litoral, com cerca de 5 km de comprimento, com perímetro de 26.000 m e profundidade média de 15 m, segundo dados obtidos em Andrade (2003,p.80).

Geologicamente, a Lagoa Encantada encontra-se num compartimento rebaixado do complexo cristalino, por falhamento, e circundada em sua posição Leste-Nordeste e Sul por rochas sedimentares (arenito, folheto, xistos e conglomerados), de idade cretácea. A Norte-Nordeste e Sudeste, desníveis fortes são encontrados nas bordas da depressão da lagoa correspondente a Serra dos Queimados, Almada e Itariri, enquanto a Leste, Sul e Sudeste, predominam as terras baixas, em grande parte inundadas, formando brejos. Segundo Andrade (2003, p. 81):

Se tem referência que a origem da lagoa estaria ligada à sedimentação do litoral em épocas remotas. A costa marítima formaria aí uma extensa baía até o sopé dos morros Almada e do Itariri, surgida após a última glaciação, de Wurts há 12.000 anos.

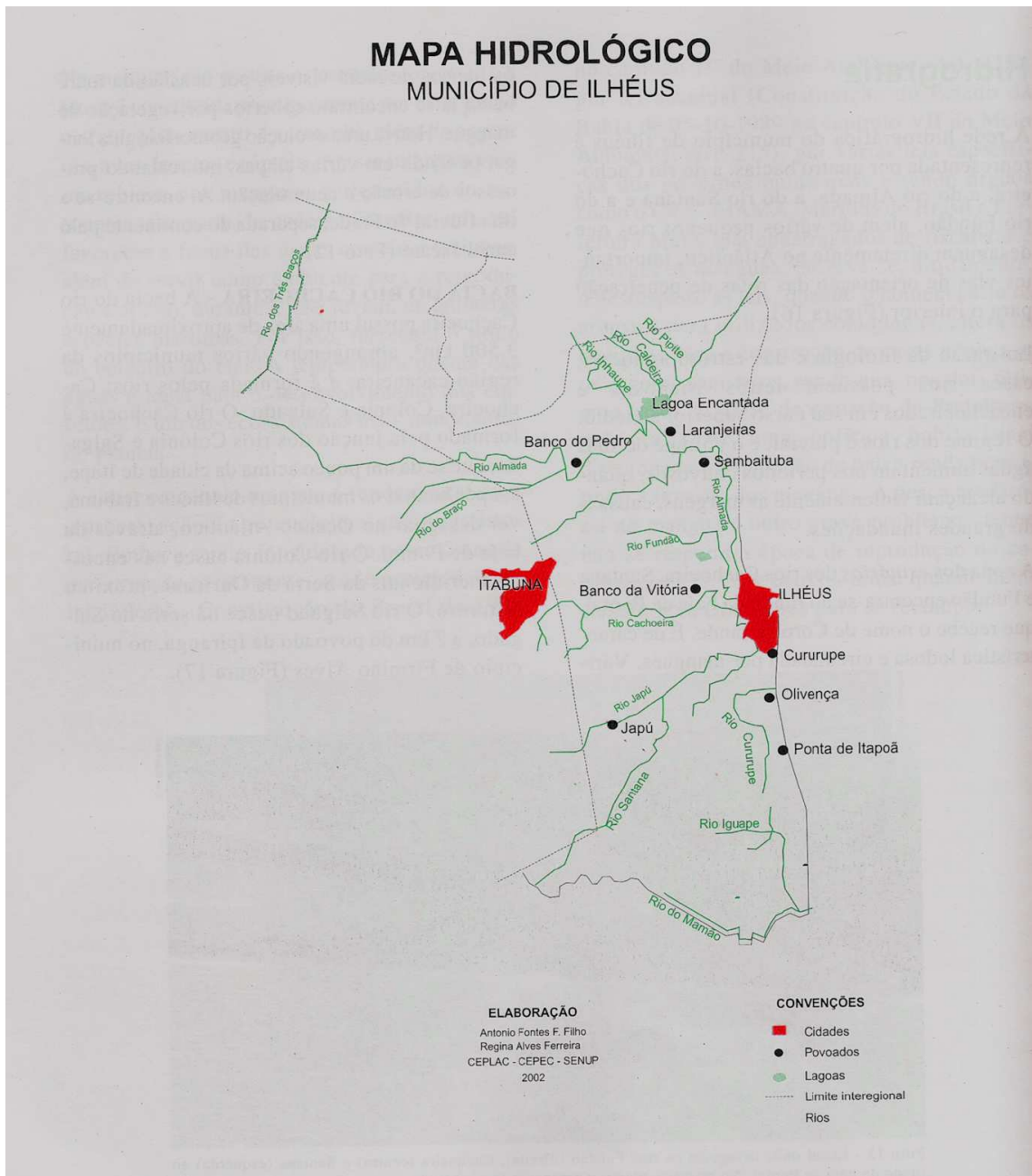


Figura 03 – Mapa hidrológico do Município de Ilhéus. Apud: ANDRADE, 2003.

Acrescenta ainda Andrade (2003, p. 81), que “a baía foi sendo fechada pela restinga, que foi se formando na época em que o mar trazia para a costa massas de areia levadas pelos rios e lavadas na plataforma continental”. Em seus terrenos marginais são encontrados vestígios da ação das águas marinhas, como os restos de sambaquis encontrados no povoado de Laranjeiras.

Neste processo de conhecimento da história da Lagoa Encantada, vale ressaltar que vários engenhos de açúcar se estabeleceram às margens da mesma desde o século XVI, como o Engenho Almada e o Santo Antônio da Ribeira das Pedras, de propriedades do espanhol Bartolomeu Luis de Espinha e do italiano Lucas Giraldes, que também tornou-se donatário da Capitania de São Jorge dos Ilhéus. No século XIX, são citados como proprietários de engenhos na região da Lagoa Encantada, o francês Luis Gaston Lavigne e o alemão P.Weyll, que segundo Silva Campos (1981.p.200), tinha como vizinhos os também alemães: “Fr. Shmidt, de Stuttgart, na colônia Luisia, e Borrel, (Suíço) de Neufchatel, em Castelo Novo, tradução do nome de sua cidade natal”.

A Lagoa Encantada é alimentada por vários ribeirões que correm a Norte e Noroeste, por sobre as terras altas, desaguando em forma de cachoeiras, como o do Véu de Noiva no ribeirão Apique ou, em corredeiras, como o ribeirão Caldeiras. Deságuam aí, também, os ribeirões Taquaril e Inhaupe.

Vista parcial das corredeiras do Ribeirão das Caldeiras



Figura 04 - Disponível em: www.bahiatursa.gov.br .

No entorno da Lagoa Encantada, encontram-se os povoados de Areas onde fica a própria Lagoa, além de Laranjeiras Velha, Urucutuca, Campinhos e o distrito de Sambaituba. Nesta região, a vegetação predominante é de Mata Atlântica secundária, densa e rica em variedade de espécie, preservada em grande parte por conta do cultivo do Cacau, principal atividade econômica regional.

Historicamente, a Lagoa Encantada foi visitada por vários viajantes europeus. Até o século XIX, os relatos sobre a Lagoa não contemplavam o nome Encantada. Recorrendo aos escritos de viajantes e cronistas que percorreram a região, temos no século XVI, o cronista português, Pero de Magalhães de Gândavo, que em 1576, no seu *Tratado da Terra do Brasil*, refere-se à Lagoa Encantada da seguinte forma:

Sete léguas da mesma povoação pela terra dentro está uma lagoa de água doce que tem três léguas de comprimento e três de largo e tem dez, quinze braças de fundo e daí para cima. Sai dela um Rio pequeno pelo qual vão lá ter barcos [...]. Nesta lagoa, tem tanta abundância d'água que podem andar nela quaisquer naus, por grandes que sejam, à vela; e assim quando venta muito, levantam-se ali ondas furiosas como se fosse no meio do mar com tormenta. Tem muita infinidade de peixes grandes e pequenos. Criam-se nela muitos peixes-bois, os quais tem o focinho como de boi [...]. Matam-nos com arpões, são tão gordos e tamanhos que alguns pesam trinta, quarenta arrobas (p. 8).

Pero Magalhães de Gândavo, sendo o primeiro escritor a publicar um livro sobre o Brasil, nesta transcrição, ele faz um minucioso relato dos aspectos físicos da lagoa, dando a entender o seu conhecimento do objeto estudado. Nos seus relatos, Gândavo cria um imaginário sobre a lagoa, o qual, fica mais evidente quando ele relata que “também há muitos tubarões nesta lagoa, e lagartos e muitas cobras. E acham-se nela outros monstros marinhos de diversas maneiras” (p.9). Com essas palavras, Gândavo, um homem das letras, medievo-renascentista, desperta nos seus leitores quinhentistas, um imaginário na lagoa de taípe, que passaria a se chamar a partir do século XIX de Lagoa Encantada.

O imaginário produzido por Gândavo, está ligado ao tempo e espaço histórico vivido por ele. Acreditava-se que a Europa medieval-cristã, era o espaço onde havia a ordem divina e, fora desse espaço(o mundo desconhecido além-mar), reina a idolatria, o pecado, a desordem social, a subversão, o caos, e, por isso, até a própria natureza se torna também desordenada: os homens têm costumes bizarros, são cruéis, destruidores, selvagens e imorais. Fora do âmbito onde reina a igreja católica existem mais animais ferozes do que no espaço civilizado; os monstros aparecem por toda à parte, deformando o que no espaço abençoado da Europa é equilibrada. Tudo isso está representado na cartografia, na iconografia e nos relatos dos Viajantes e cronistas, que ainda em face à existência do renascimento, a visão do mundo que ainda prevalece no século XV, é a visão teológica, pois as concepções do mar como fronteira entre o mundo civilizado e ordenado da cristandade e o mundo caótico dos monstros e de uma natureza desordenada, nem sempre excluem a preservação de antigas tradições vinda da antiguidade pagã, segundo as quais, haveria para além do mar desconhecido, ilhas de uma fecundidade maravilhosa e com um clima paradisíaco.

No mesmo século XVI, quando ocorria a União Ibérica (1580-1640), o senhor de Engenho Gabriel Soares de Souza escreveu o clássico *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*. Nesta volumosa obra, Soares de Souza descreve toda costa brasileira, fazendo relatos dos aspectos humanos (grupos e aldeamentos indígenas existentes, com suas características), aborda também os aspectos físicos, descrevendo a fauna e flora, rios, lagos e lagoas.

Descrevendo os rios, lagos e lagoas da Capitania de São Jorge dos Ilhéus, Gabriel Soares de Souza relata sobre a Lagoa Encantada da seguinte forma:

[...] este rio Taípe vem de muito longe, no qual se metem muitas ribeiras que o fazem caudaloso, cujo nascimento é de uma lagoa que tem duas ilhas. Da lagoa para baixo e perto do mar tem outra ilha e um engenho mui possante de Luís Álvares Espenha, junto do qual engenho está uma lagoa grande de água doce, em que se tomam muitas arraias e outros peixe do mar e muitos peixes-bois, coisa que faz grande espanto, por se não achar peixe do mar em nenhuma lagoa [...] (1987, p. 76, grifos nosso).

Percebe-se nesta descrição de Soares de Souza, que a Lagoa de Taípe, provoca espanto pelo seu tamanho e pelas espécies aquíferas ali existentes. Iniciado por Gândavo, o imaginário da lagoa assume dimensão, tendo em Gabriel Soares de Souza mais um difusor deste imaginário no Brasil quinhentista.

No século XIX, a Lagoa Encantada vai ser visitada pelo príncipe Maximiliano e por Von Martius e Von Spix. Entre 1815 a 1817, Maximiliano, príncipe de Wied-Neuwied, fez viagem a várias regiões do Brasil. Em sua chegada a Capitania de Ilhéus, percorreu seu interior indo ao que é hoje a Lagoa Encantada. Em seu relato publicado no livro Viagem ao Brasil (1989,p.342), Maximiliano escreve: “Essa lagoa, como impropriamente a chamam, é famosa em toda a redondeza por ser muito rica em peixe, e nela se terem feito, algumas vezes, grandes pescarias...” Sobre seu tamanho, que já foi motivo de relato feito por Gândavo em 1576, Maximiliano informa que “ela tem perto de duas milhas alemãs de comprimento por uma de largura. É cercada de morros cobertos de vegetação, com alguns claros ocupados por plantações”.

Sobre a relação que a Lagoa teria tido com o mar, Maximiliano escreve:

É muito provável que ela outrora tivesse comunicação com o mar. Um trecho baixo, entre dois morros pouco elevados, situados na margem que dá para o Oceano, parece ter sido o ponto de comunicação, ou a ‘barra’, mais tarde coberta pela areia. Dizem também que são comuns na lagoa várias conchas marinhas, e que, em certas partes de suas margens, observam-se rochedos perfurados, com buracos redondos e em forma de funil, como os que formam os parcéis ao longo da costa marítima: esses buracos tem o nome de caldeiras (1989, p. 342).

Acerca do imaginário e da curiosidade que a Lagoa desperta aos visitantes, assim como Gândavo (1995) e Soares de Souza (1987), o príncipe Maximiliano se viu atraído por esse imaginário e fez o seguinte relato:

A beleza e a utilidade desse lago lhe emprestam tão grande valor aos olhos dos habitantes do lugar, que é uma das primeiras coisas de que falam aos viajantes que chegam. Contam muitas lendas sobre esse lago, sobre a sua origem, a zona que o cerca e os fenômenos que apresenta, não raro exagerando-lhe o tamanho e as peculiaridades. Dizem que as montanhas vizinhas são ricas em ouro e pedras preciosas; situou-se mesmo no seio das solidões dessas montanhas em Eldorado fabuloso, um país em que não haveria necessidade de muito trabalho para se adquirirem grandes riquezas [...] (1989, p.343, grifos nosso).

Com estes relatos, Maximiliano, Príncipe de Wied-Neuwied, segue a abordagem imaginária da Lagoa do Almada, abordagem essa, iniciada por Gândavo e Soares de Souza no século XVI e que também no século XIX será objeto de relato dos viajantes naturalistas Spix e Martius, que meses depois da viagem de Maximiliano, fizeram-nos também e percorreram a Lagoa do Almada.

Em sua obra Viagem pelo Brasil (Tomo II, 1976, p.162), os viajantes naturalistas Spix e Martius relatam:

[...] Foi no dia de natal de 1818 que, com a alma na mais alegre disposição, seguimos rio abaixo, para aquela bonita lagoa. Em vez do emocionante repique dos sinos e dos cânticos festivos, que ressoam nesse dia (lá de inverno) na Europa Cristã, nós ouvíamos, remando por entre as perfumosas guirlandas de flores e grotescos cercados de aninga, o pipilar das galinhas-d'água e os urros dos Barbados, que repercutiam longe, no sossego da mata [...]. Alcançamos, por entre as ramadas intrincadas da aninga, o espelho d'água da lagoa tranqüila [...].

Spix e Martius (1976), depois de descrever o vislumbre da chegada na Lagoa do Almada, relatam da existência de cascatas e da já citada relação da Lagoa com o mar da seguinte forma:

Defronte desta, despenhava-se outra cascata, estendida em véu de água, de uma parede de granito de cem pés de altura...À margem, apresenta-se a descoberto, aqui e acolá, em grandes bancos, que, pelas profundas cavidades em forma de bacia e recortes, parecem indicar a ligação, outrora, da lagoa com o oceano. Em favor desta ligação, ainda existem provas mais evidentes, qual a formação das margens, que, a sudeste, para o lado do Itaípe e do mar, são planas e arenosas, e, especialmente, a existência de extensos bancos de coral. (1976, p.162-163, grifo nosso).

Spix e Martius (1976), também fazem referência ao tamanho da Lagoa e ao tipo de sua água. Eles dizem “A água da lagoa que tem mais de uma légua quadrada de superfície, é atualmente doce; por intermédio do Rio Itaípe que pouco a pouco levou a água salgada restante, ou a adoçou” (p. 163).

Com esses relatos, percebe-se que o imaginário histórico-cultural construído na Lagoa desde o século XVI se estende aos dias atuais, uma vez que grupos de moradores, principalmente os que estão acima de 40 anos de idade, tem neste imaginário um significado identitário e cultural, o que poderá ser percebido no capítulo II deste trabalho, a partir dos seus relatos.

Atualmente, objetivando preservar a Lagoa e o seu entorno, o governo do Estado criou a partir do decreto nº 2.217 de 16/06/1993, a Área de Proteção Ambiental (APA) da Lagoa Encantada, com área de 11.800 hectares, fazendo parte dela os distritos de Castelo Novo, Aritaguá e Sambaituba, mais os povoados de Laranjeiras, Ribeira das pedras, Juerana, Areias, Urucutuca, Vila Campinhos, Vila Olímpio e os loteamentos Jóia do Atlântico e Mar e Sol. Consta como principais objetivos da APA, além de desenvolver ações conservacionistas e de recuperação dos recursos naturais, propõe articular e desenvolver o turismo, valorizando seu patrimônio natural e cultural, o que na prática não acontece, visto que o material de propaganda da APA contempla os aspectos naturais da Lagoa e não enfoca motivações culturais, o que também ocorre com a formatação adotada pela

Bahiatursa e Secretaria Municipal de Turismo (SETUR), onde a Lagoa Encantada é vista apenas como opção de Ecoturismo.

Como produto turístico, a Lagoa Encantada é visitada por centenas de turistas, os quais tem duas opções a barco para chegar até ela. A primeira e mais antiga, parte do povoado de Sambaituba que fica a 18 km de Ilhéus por estrada de chão. A segunda, parte de um ancoradouro construído às margens do rio Almada, dentro do antigo Clube Náutilus, no condomínio Jóia do Atlântico a 17 km de Ilhéus pela rodovia Ilhéus-Itacaré. Neste local, funciona a sede da APA com um Centro de Informação Turístico–Ambiental. O percurso de barco, dura em média quatro horas ida e volta. A outra opção para se chegar ao povoado da Lagoa Encantada, é por automóvel pela rodovia Ilhéus-Itacaré e, no km 17, segue por mais 12 km de estrada de chão que se encontra bastante desgastada.

O imaginário criado em torno da lagoa, com suas lendas e mitos, pode incitar o visitante a viajar numa temporalidade que não é do seu mundo real, mas na qual ele se identifica, pois o imaginário através das mais diferentes linguagens, atua como um vigoroso caudal que atravessa obliquamente as formações sociais, penetrando todos os seus meandros, em todos os seus níveis, todas as classes sociais, modelando conjuntos/pacotes de relações sociais hegemônicas, cuja duração compreende maior ou menor lapso de tempo. É sobre a produção e interpretação desse imaginário histórico-cultural, que o capítulo seguinte será desenvolvido.

3 A PRODUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DO IMAGINÁRIO HISTÓRICO-CULTURAL DA LAGOA ENCANTADA

O estudo do imaginário histórico-cultural da Lagoa Encantada é uma abordagem voltada para o aspecto historiográfico da história cultural, a qual relaciona elementos da antropologia aplicados a história com aproveitamento turístico. O tema imaginário situa-se como uma das mais instigantes tendências de análise do contexto atual. Apresenta-se no bojo de uma série de constatações relativamente consensuais que caracterizam a nossa contemporaneidade no início do século XXI: a crise dos paradigmas de análise da realidade, o fim da crença nas verdades absolutas legitimadoras da ordem social e a interdisciplinaridade.

Através da historiografia, o estudo do imaginário foi durante muito tempo relegado a uma posição secundária. Esta desvalorização deu-se em face ao avanço do pensamento racional e científico no Ocidente. Houve um movimento reiterado de ruptura a partir do racionalismo cartesiano, com tudo aquilo que representava opiniões, pré-noções e formas de conhecimento transmitidas pela tradição ou pelos vieses ideológicos. Para Descartes, (*Apud*, PESAVENTO, 1995, p. 11) “o imaginário era fruto do erro e da falsidade, cabendo-lhe, no máximo, o designativo de um estágio inferior do conhecimento”. Quando se afirmava que o atributo por excelência do homem era o pensamento racional (*penso, logo existo*), tudo aquilo que escapasse aos critérios e rigores da lógica formal e que se baseasse em razões relativas era praticamente desprezado.

Se o século XIX foi o ápice do pensamento racional desenvolvido desde o século XVIII, esta mesma sociedade, paradoxalmente volta-se contra seus pressupostos na medida que resgata a importância das imagens na vida mental através da contribuição da psicanálise e da etnologia.

As duas vertentes, apesar de romperem com largos séculos de coerção contra o imaginário, instauraram uma hermenêutica redutiva: Freud, ao estabelecer o determinismo da libido, Dumézil, Lévi-Strauss, ao unir os símbolos à estrutura social. (DURAND, 2001, p. 27).

Como filósofo da ciência, Gaston Bachelard representou a “grande inversão” epistemológica em direção ao imaginário. Coube a ele a iniciativa de tentar aproximar a ciência com o imaginário, entendendo que, na própria invenção tecnológica, está presente a força criadora da imaginação. Revalorizada, a imaginação ocuparia o papel de base ou referência da atitude científica. Estabelecia-se o entendimento da ciência e do imaginário como ordens consistentes da realidade.

A história contemporânea do imaginário coletivo ainda se situa, portanto, em sua maior parte, no estudo das sociedades tradicionais, na qual se enquadra a Lagoa Encantada e seu entorno. Para Heléne Vidrine (*Apud*, PESAVENTO, 1995, p. 15), “o imaginário não pode ser o impensado ou o não expresso”. Neste sentido, ele necessariamente trabalha sobre a linguagem, é sempre representação e não existe sem interpretação. Aproximando o imaginário com representação, Le Goff (1993) conceitua representação, “como tradução mental de uma realidade exterior percebida e ligando-se ao processo da abstração”. O imaginário faz parte de um campo de representação e, como expressão do pensamento, se manifesta por imagens e discursos que pretendem dar definição da realidade.

No domínio da representação, as coisas ditas, pensadas e expressas tem um outro sentido além daquele manifesto. Enquanto representação do real, o imaginário é sempre referência a um “outro” ausente. O imaginário enuncia, se reporta e evoca outra coisa não explícita e não presente. Este processo, citando Castoriadis (1982,p.135), ”envolve a relação que se estabelece entre significantes (imagens, palavras) com os seus significados (representações, significações), processo este que envolve uma dimensão simbólica”.

Nesta articulação, a sociedade constrói a sua ordem simbólica, que não se convencionou chamar de realidade, mas uma representação, que por outro lado é uma outra forma de existência da realidade histórica. O real é ao mesmo tempo, concretude e representação. Nesta medida, segundo Castoriadis (1982, p. 138), “a sociedade é instituída imaginariamente, uma vez que ela se expressa simbolicamente por um sistema de idéias-imagens que constituem a representação do real”. Portanto, o imaginário, enquanto representação, revela um sentido que envolve uma significação para além do aparente. Neste sentido, para Evelyne Petlagean (*Apud*, LE GOFF, 1993,p.291):

O domínio do imaginário é constituído pelo conjunto das representações que exorbitam do limite colocado pelas constatações da experiência e pelos encadeamentos dedutivos que estas autorizam [...]. Cada cultura, portanto, cada sociedade, e até mesmo cada nível de uma sociedade complexa, tem seu imaginário. Em outras palavras, o limite entre o real e o imaginário revela-se variável, enquanto que o território atravessado por este limite permanece, ao contrário, sempre e por toda parte idêntico, já que nada mais é senão o campo inteiro da experiência humana, do mais coletivamente social ao mais intimamente pessoal.

Nesta perspectiva, os relatos das lendas sobre a Lagoa Encantada se inserem nesta abordagem conceitual. Jailson Costa, o Joca da Lagoa, 40 anos, morador há 22 anos do povoado de Areas, sobre a origem do nome da Lagoa conta:

A Lagoa tem nome de Encantada porque muitas coisas a comunidade antiga via aí dentro, como a Biatatá, enormes embarcações iluminadas com baianas trajando aqueles trajes típicos...Boi berrava no meio da Lagoa, as ilhas flutuantes que se deslocavam de um lado pra outro num autêntico pingue-pongue de acordo vento... A pedra da Arigoa que nas noites de lua cheia os pescadores ouviam a Sereia cantando suas lindas melodias atraindo os pescadores para a sua direção. Quando o pescador se aproximava, ela pegava o pescador e descia para uma gruta que existe debaixo da pedra descendo por uma escadaria uma escadaria de pedra.

Dona Mundinha, 58 anos, nascida e criada na região da Lagoa, seguindo o raciocínio de Joca, também relata sobre o porque do nome de Encantada:

Os povos de antigamente , os mais velhos dizia que sempre ouvia galo cantar ali na Pedra da Arigoa, via zuada de barco, essas coisas, via de noite assim um farol grande feito fogo que o pessoal dar o nome de BIATATÁ, por isso que o povo chama assim de Encantada.

Ainda sobre o porque do nome Encantada, Dona Zilda, 76 anos, nascida e criada em torno da Lagoa, relata o seguinte:

O nome de Lagoa Encantada porque antigamente ela tinha muitos encantos, os encantos que ela tinha, Navio andava aí dentro, aparecia navio aí, os mais velhos via o Navio entrar lá, passar lá assim e chegava lá naquela pedra que se chama Pedra da Arigoa... Naquela Pedra da Arigoa minha vó contava quando ia passando ali que tinha às vezes a Lagoa estava cheia que tava coberta né, então via a pisada de pilão, que chama pilão de duas mãos né, que patê Pê!Pê!pê! saía de debaixo da água, via galo cantar ali naquela Pedra da Arigoa e tudo isso ela via, então se chama Lagoa Encantada pelos encantos que ela tinha, mas isso tudo desapareceu de uns certos anos pra cá, foi desaparecendo, desaparecendo, que não se vê nem mais alguém que trata de BIATATÁ não se vê mais nem aí.

Dona Edite Neres, 64 anos, marisqueira aposentada, considera que a Lagoa tem o nome de encantada porque:

é um encanto, porque as pessoas de antigamente contava muito... E falavam que viam muita coisa na pedra da Arigoa, via gente conversar, via gente cantar, via gente passeando na pedra da Arigoa pra lá e pra cá e via sempre um galo alto em cima da pedra.

Sobre o desaparecimento dos encantos, Dona Edite relata:

que hoje não aparece mais porque devido a essa mocidade, que a devassidão ta de mais, destruiu aquilo né, então eu penso que se existia antigamente, ainda existe hoje em dia, mas sempre ta pelos escondidos, mora na pedra da Arigoa.

Neste depoimento, Dona Edite atribui a um distanciamento dos jovens de uma moralidade tradicional, o desaparecimento dos encantos, uma vez que, relacionando-se ao sagrado, estes encantos não aparecem a grupos sociais desacralizados e moralmente comprometidos.

Seu Zé do Norte, 77 anos, considera que a Lagoa é Encantada porque:

ela era meio atrapalhada mesmo, via muita coisa aqui. Hoje já não se vê mais as coisas porque o pessoal cresceu e esses negócios não aparece assim pra todo mundo. Esses negócios de visagem, de ouro, diamantes não aparece pra todo mundo aqui, é porque tem muito petróleo, é o lugar que tem diamantes essa Lagoa Encantada [...].

Nos seus relatos, seu Zé do Norte relaciona o encanto da Lagoa a existência de Ouro e Petróleo. Essa relação não é singular da Lagoa Encantada, tão pouco da imaginação específica de Zé do Norte, ela está presente no imaginário coletivo desde o período colonial brasileiro, quando o ciclo da mineração deu início e se criou o imaginário das riquezas minerais associadas ao surgimento de encantos de fogo e outras formas de lendas. Dessa forma, a produção do imaginário na Lagoa Encantada faz parte da cultura do seu povo, cultura essa formada pelos signos e símbolos representados nas lendas.

Resgatar essas lendas, ler e reler os significados que compõe o sistema simbólico da cultura dos moradores da Lagoa Encantada e seu entorno, e a partir desta decifração, contribuir para o resgate identitário conduzido pelo turismo cultural,

é um elemento importante deste trabalho, pois a noção de cultura, compreendida em seu sentido vasto, remete aos modos de vida e de pensamento, remete à ordem simbólica, ao que se refere ao sentido. A cultura está muito ligada à preservação da identidade individual e coletiva. Cultura e identidade são conceitos que remetem a uma mesma realidade. A identidade cultural de um grupo só pode ser compreendida ao se estudar suas relações com os grupos vizinhos.

3.1 Descrição das Lendas

3.1.1 A lenda do Canapú

A lenda do canapú foi relatada unicamente pelo morador Joca da Lagoa, segundo ele, o "Canapú foi um peixe que entrou na Lagoa e não acertou sair e acabou morrendo, aí os pescadores encontraram e, por ser tão grande, eles disseram que era filhote do outro que desceu rio abaixo". Sobre esse enorme peixe que surgiu na Lagoa Encantada, Joca, 40 anos, relata o seguinte:

Quando começaram fazer as roças de cacau aqui na região, tinha dois pescadores por nome de Genário e Jardimino que foram trabalhar na fazenda Ponta Grossa, esses senhores foram lá pra pegar umas empreitadas para ganhar um dinheirinho com a lavoura cacauzeira. Aí terminando as empreitadas deles, o dono da Fazenda dispensou eles e quando eles foram morar nessa Fazenda levaram um bacurinhozinho (filhote de porco) pra criar com resto de comida da casa grande, aí quando foram dispensados, os únicos pertences que eles tinham era um armário de madeira, um tamborete e esse bacurinho. Pegaram os pertences, botaram na canoa e entraram na Lagoa e vieram atravessando. Quando chegou em certos meios apareceu o Canapú querendo engolir a canoa e ter eles como sobremesa. Aí seu Genário e seu Jardimino havia tirado umas jacas para alimentar o porco durante a viagem, aí começou a despistar o Canapú jogando a jaca na água. Quando jogava a jaca o Canapú engolia aí o estoque de jaca acabou, o Canapú continuou a perseguição querendo engolir eles, aí eles pegaram e jogaram o tamborete, o Canapú engoliu o tamborete, jogaram o armário, o Canapú tornou também engolir, aí não tendo mais nada pra jogar só sobrou o porco, um enorme porco que foi sevado com resto de comida da casa grande, um porco mais ou menos de 8 arrobas. Aí jogaram esse porco, aí o Canapú fundou dentro desse porco pegou eles ainda ouviram os gritos do porco sendo devorado pelo Canapú, aí eles começaram remar de bastante pressa, vapo! Vapo! Vapo!, aí quando chegou próximo do Bacuparituba, encalhou a canoa, seu Genário que vinha na proa da canoa, ao a canoa encalhar ele caiu dentro d'água, aí seu Jardimino ainda viu

aquele remanso que seu Genário também foi engolido pelo peixe. Passados dias depois, pescadores da Barra de Itaípe pescando de calão capturaram um enorme peixe. Aí a notícia se espalhou, seu Jardimino juntou uma comitiva aqui na Lagoa e foram lá vê esse peixe. Quando chegou lá ele reconheceu o peixe, era o mesmo que tinha atacado ele, aí ficou para presenciar a abertura do peixe; quando começaram a abrir o peixe, que abriram a barriga, tá o seu Genário sentado no tamborete comendo jaca e jogando os caroços para o porco.

Com esta lenda, Joca se aproxima dos relatos do cronista quinhentista Pero Magalhães de Gândavo, que no seu livro citado no capítulo I deste trabalho, relata sobre a existência de peixes enormes na Lagoa Grande. Vimos no capítulo anterior que a existência de peixes enormes e monstros marinhos faziam parte do imaginário dos descobrimentos nos séculos XV e XVI, imaginário esse, que é atemporal, perpassando tempo histórico e se reconfigurando na cultura.

3.1.2 Lenda do Nêgo D'água

Sobre o Nêgo D'água, que foi citado por todos os entrevistados, D. Mundinha, 58anos, diz:

que o Nêgo d'água é um encanto que tem no fundo da Lagoa um cabôco dos cabelos longos com as mãos e as pernas parecendo ser o pé de pato né, os dedos dele parece que é o pé de pato, os pés também, bem escuro ele, bem acabocado, os cabelão, os cabelo duro e longo parecendo que é formado pelo lodo da água.

Dona Martinha, 79 anos, moradora ha 43 anos da Lagoa Encantada, nunca viu o Nêgo D'água, mas conta que o povo falava. Segundo ela, "tinha gente que via e tomava medo e saía doido da canoa, botava a canoa pra viajar com medo. Dizia que ele fundava e sumia. Era do jeito de uma pessoa, negra. O Nêgo D'água".

Percebe-se nesta lenda do Nêgo D'água, uma mistura de elementos constituidores do imaginário dos brancos, representado na água e todas as suas

derivações de lendas e a presença do imaginário da cultura negra, caracterizando-se uma circularidade cultural.

3.1.3 Lenda do(a) Biatatá

Algumas lendas citadas, são lembradas por um depoente e esquecido por outros, mas a Lenda do, ou da Biatatá foi descrita por todos. No sentido de gênero, alguns consideravam masculino, outros feminino. Joca, o primeiro entrevistado descreveu o Biatatá falando "que o pessoal sempre via ele subir ou se ficavam no ar se encontrando, se batendo e saindo faísca de fogo e depois sumia na frente da própria pessoa que ele aparecia". Quando perguntado o porque do nome, ele não tinha uma justificativa, mas afirmava:

porque era duas tochas enormes que subiam e se encontravam no ar parecendo fogos de artifícios aí aquilo eles achavam muito bonito e também assustador. Não tinham costume de vê e quando viam se assustava, mas era um espetáculo muito bonito.

Sobre a origem do Biatatá, Seu Zé do Norte, 77 anos, diz que a Biatatá, ele usa no sentido feminino, era "um compadre e uma comadre que brigava e ficava esses faixes de fogo de um lado pro outro se batendo". Ele também relaciona esse e os outros encantos da Lagoa com a existência de minerais preciosos. Ele diz que "esses negócios de visagem, de ouro, diamantes, esses negócios não aparece pra todo mundo, aqui é porque tem muito petróleo, é o lugar que tem diamantes essa Lagoa Encantada".

Assim como Zé do Norte, Dona Martinha, atribui o desaparecimento dos encantos com o numero de moradores, para ela "foi chegando muita gente, muita gente aí eles sismaram e sumiram". Dona Martinha também relaciona os encantos

com a existência de minerais. Segundo ela, "o pessoal diz que ouro e aqui tem viu, muito, muito mesmo. Teve uns americanos vieram numa ocasião pra bulir aí, pra cavar e tudo não puderam e foram embora."

Percebe-se, que os dois depoentes fazem sempre relação dos encantos da Lagoa com a existência de metais preciosos, isso nos permite interpretar que as riquezas constituem elementos impulsionadores do imaginário. Esta relação da Lagoa com os metais preciosos é histórica, pois Silva Campos (1981, p. 98) relata que "Herrera copiou na sua História de los Hechos: 'o rio e a lagoa de Itaípe foram balisa dos bandeirantes bahianos desde os primeiros anos da descoberta. Esta lagoa foi o caminho obrigado dos caçadores de esmeraldas – as amazonites – pedras verdes". Este relato de Silva Campos vem reforçar as justificativas de Seu de Zé do Norte e Dona Martinha, demonstrando que as riquezas aguçam o imaginário individual e tornam-se traços marcantes do imaginário coletivo.

Há uma relação da mitologia com a mineralogia. Sobre o Diamante, metal precioso que aguça o imaginário, conta a mitologia que Célmis é um adivinho a quem Zeus transforma em diamante por ter sido indiscreto ao contar seus amores divinos. Outra versão situa Célmis na infância de Zeus, segundo a lenda cretense. De acordo com essa versão, Célmis é transformado em diamante por ter ofendido Réia.

Sobre a Biatata, Dona Martinha depôs o seguinte:

no meu conhecimento, eu via o que o povo chamava de Biatata, era uns fachos quase vermelho e outro azul, corria da pedra de lá pra cá, era um encanti, dizia o povo . Isso aí eu perdia a noite várias vezes vendo.

Dona Zilda, 76 anos, conta que a Biatatá é "um negócio que tem aquela bola de fogo que anda por cima da água". Ela informa que a Biatatá tinha outro nome antigamente e se *chamava JOÃO DE ALASOUZA*. Sobre ação da Biatatá, ela conta que quando ela vinha era pra queimar a pessoa, a pessoa fazia o encruze aqui, que se chama Cinco Salamão, fazia o Cinco Salamão (Signo de Salomão) e ela desaparecia e nas águas que tivesse na Canoa e chamasse pelo nome dela, diz que ela queimava, mas que não chamasse ela passava por lá. Dona Zilda se envolve de tal maneira com seu relato, que passa a contar sua própria experiência com a Biatatá. Segundo ela:

Eu mesmo vir ali do outro lado, eu tava ali no outro lado, naquela fazenda dali pra aquela outra ditardezinha, já quase boquinha da noite aí quando eu vir clarear ali naquela canto ali, aí eu com medo, disse ai Jesus! Ali vem uma Biatatá eu falei lá, mas falei baixinho né, meu Jesus , aí sentei o remo, remei, remei, remei com pouca ela acendeu já ali, uma vinha de lá outra vinha de cá aí se toparam assim, subiu aquele fogão eu disse meu Deus tem misericórdia de mim, aí remei, remei, remei até que cheguei em terra lá do outro lado. Aí quando cheguei em terra, ela já clariava cá na boca do furado onde entra o rio, o rio da Lagoa com encontro do rio do Almada. O rio do Almada vem de lá, e o rio da Lagoa desci ali encontra ali aonde foi a morada da gente antigamente Laranjeiras veia, aí eu vir embora, eu subir fui pra casa,

Com estes relatos, percebe-se que as pessoas de uma determinada cultura sonham os mitos dessa cultura, seus sonhos por isso autenticam os mitos, sobretudo em culturas que o sonhar é interpretado como ver o outro. Os mitos modelam os sonhos, mas os sonhos por sua vez, autenticam os mitos em círculo que facilita a reconfiguração e ressignificação cultural.

3.1.4 Lenda da Pedra da Arigoa

A pedra da arigoa, constitui um símbolo da Lagoa Encantada, dando nomes a barcos e restaurante. De acordo ao volume de água da Lagoa que se dá por influência da maré, a pedra aparece e desaparece. Os depoentes relataram estórias diferentes desta pedra.

Segundo a interpretação de Joca, na pedra da Arigoa:

existe uma escadaria e no fundo da pedra existe uma gruta, que teve um amigo meu de nome Delmar Campos que mergulhou e, desceu pra ver se tinha essa gruta. Ele disse que quando chegou na entrada da gruta, que olhou para o centro da gruta viu um altar com as velas acesas e um enorme rabo de peixe abanando as chamas das velas. Ao ver isso, ele se assustou e retornou.

Seu Zé do Norte, acerca da Pedra da Arigoa ele relata dizendo:

que ali tem uma escada pra descer até um fundo da pedra. Uma ocasião, foram mergulhar e viram uma escada e desceu, quando chegou lá embaixo, tinha tacho, outros negócios lá encostado, espingarda, mas eu nunca vir, isso é conto deles né, que tinha essa escada, mas eu nunca descir pra ver.

Seu Vavá Piau, 40 anos, por não ser pescador, trabalhava em um comércio na Lagoa, onde vendia para os pescadores que contavam seus causos. Um destes pescadores, era um velho que morava na ilha de Bacuparituba. Sobre a Pedra da Arigoa, Vavá Piau relata que este velho contava:

que existia uns degraus que descia lá no fundo e existia um mistério, que tem uma espada enfiada no fundo e quando o papa vir tirar essa espada, só não disse o tempo né, tempo indeterminado, então isso aqui acabava, ia ser um Porto de Ilhéus, ia cobrir de água.

Percebe-se nestes relatos, que a relação com o religioso é sempre presente, seja nas justificativas em não aparecer mais as lendas ou na sua própria origem.

3.1.5 Lenda da Sereia

A lenda da Sereia está sempre presente no imaginário das populações ribeirinhas, quase sempre atrelada a um aspecto religioso ou de fascínio e conquista. Na Lagoa Encantada esses aspectos são contemplados. Dona Edite Neres, 64 anos, marisqueira aposentada, sobre a sereia ela relata: Já vir falar muito e eu conto bem porque eu sempre fiz minha obrigação com Cosme e Damião, é uma obrigação forte que eu não posso abandonar sabe?

Dona Mundinha por sua vez, relata que "o povo sempre dizia que via ali na Pedra da Arigoa uma mulher com o cabelão, os cabelos verdes".

Quem mais relatou sobre a lenda da Sereia da Lagoa Encantada foi o morador Joca. Segundo seu depoimento:

a Sereia nas noites de lua cheia ficava tocando sua viola, cantando suas lindas melodias. Aí o pescador que saía a noite para pescar, ouvia aquele canto e com aquilo ele ficava imnotizado e ia em direção da Sereia. Quando ele se aproximava, ela pegava o pescador e descia para essa gruta que existe no centro, no fundo da Lagoa embaixo da pedra da arigoa. Aí quando ela pegava o pescador que descia, não sei o que ela fazia com ele que no dia seguinte ele amanhecia totalmente delibreado.

O morador Joca, para ilustrar mais a lenda da Sereia contada por ele, relata o caso de um pescador semi-gago que vivia na Lagoa e foi encantado pela sereia.

Assim ele relata:

Aqui nós conhecemos um Semi-gago que aconteceu esse episódio com ele e ao lembrar de alguns detalhes foi falar pra uns companheiros dele e quando ele estava narrando os fatos ficou completamente mudo. Alguns dias depois, ele pegou alguns pertences como perfume, sabonete e pente, e fez um gesto que ia fazer uma viagem, botou esses pertences na canoa e entrou na Lagoa. No dia seguinte, encontraram a Canoa com os pertences e ele até hoje não se viu mais, com certeza deve ter feito um casamento com a sereia e foram felizes para sempre.

Sobre este caso do semi-gago, Dona Mundinha confirma sua existência.

Segundo ela:

foi verdade, ele era mudo, ele veio olhar uma rede de tarde, chegou na venda, comprou umas velas, daí eu me lembro, pois já era grandinha. Ele veio pra Lagoa e ele tinha uma mulher na Laranjeira velha que se chamava Guiomar. Ele pediu um menino pra vir com ele, ela disse que não dava, aí ele veio sozinho, no outro dia só apareceu a canoa pura e ele até hoje nem o cabelo apareceu.

A lenda da Sereia com seu canto irresistível contada acima pelos moradores da Lagoa Encantada, relaciona-se com o mito do Canto da Sereia, que segundo o qual, as sereias eram gêmeas marinhas. Metade mulher, metade ave, elas eram excelentes musicistas. Viviam em uma ilha do Mediterrâneo e, com suas doces canções, atraíam os navegantes que passavam por aquelas paragens. Quando os barcos estavam próximos da ilha, as sereias devoravam os imprudentes marinheiros, que sentiam um desejo irresistível de seguir em direção a elas, devido à doçura de seus cantos.

Só conseguiram superar essa prova os marinheiros do navio Argos, porque Orfeu, com sua música, anulou o efeito dos cantos das Sereias, e os do navio de Ulisses, porque este mandou que os marinheiros tapassem os ouvidos com cera, enquanto ele se fez ser fortemente amarrado ao mastro e não permitiu que tapassem seus ouvidos, para poder ter a experiência de conhecer o canto das sereias sem correr o risco de morrer.

Na idade média, as sereias passaram a ser representadas com cauda de peixe, em vez de com corpo de ave, e essa nova imagem acabou superando a anterior, como é relatada pelos moradores da Lagoa Encantada.

3.1.6 Lenda da Ilha do Galo Encantado

Na relação da mitologia com a Zoologia, conta-se que o Galo é Alectrião, que foi contratado por Ares como vigia e confidente para avisá-lo da chegada do Sol quando ele estivesse com Afrodite. Certa manhã, o vigilante adormeceu e não o avisou, fazendo assim com que o Sol os descobrisse e os delatasse a Hefestos. Alectrião foi transformado em galo, e é por isso que sempre canta ao surgir a aurora, anunciando que o deus Sol se aproxima. Perceberemos abaixo os relatos que os moradores da Lagoa Encantada fazem a cerca do Galo, chamando-o de Encantado.

Seu Zé do Norte relata que a ilha do canta galo tem esse nome porque "antigamente não tinha ninguém lá e um Galo cantava. O negócio do Galo é por causa do Ouro de diamantes que transformavam".

Dona Edite Neres, segue o mesmo raciocínio de Zé do Norte para explicar sobre o galo encantado. Para ela, a ilha do canto galo refere-se

ao galo iluminado que passeia de um lugar para o outro, mas no meu pensamento, eu penso que isso era, é idéia de ouro, por que ele muda de um canto pra outro, sete em sete anos ele muda de um canto pra outro. O ouro se transforma em qualquer coisa, e o galo é um deles. Aonde tem cachoeira, é onde ele esta. Na roça de meu genro eu vir ele se transformando.

Dona Mundinha, ao falar sobre a ilha do Canta galo, recorre aos moradores antigos já falecidos. Ela cita Vitório Lima, João de Duca e Carlos Lucio. Segundo ela, "esse Carlos Lúcio mesmo, dizia que ele via o ouro se mudar dali de um lugar que se chama Canta Galo para as Caldeiras".

Percebe-se que todos os causos sobre o Galo encantado relaciona-se a ouro. No imaginário dos moradores da Lagoa Encantada, a presença de metais preciosos

neste local perpassa por suas lendas. O morador Joca, ilustra ainda mais essa lenda ao contar sua interpretação sobre a Ilha do Canta Galo. Segundo ele:

na ilha do canta galo, vivia um Sr. por nome Manoel, quando era um belo dia, ele tava na varanda do seu casebre quando viu o Galo cantar, quando ele se assustou viu aquele enorme animal. Pensou logo num molho pardo, aí entrou dentro de casa, pegou a espingarda de socar e deu o disparo contra o galo. O Galo deu aquele grito e deixou aquele enorme peneiro, ele saiu procurando o corpo do galo e não encontrou, só encontrou as penas douradas parecendo ouro; ele ficou encabulado com aquilo, pegou as penas colocou numa mochila e trouxe para a Ilha do Bacuparituba para apresentar ao Sr. Mamede. Como eles se tratavam de compadre, passou a contar o caso a seu Mamede que o Galo tinha aparecido, que ele tinha dado um tiro. O Mamede ainda aborreceu com ele que não podia ter feito aquilo, atirado no Galo, que o Galo era encantado e ele falou: realmente compadre, esse Galo é encantado mesmo, porque eu não perdi um caroço de chumbo e ele desapareceu, só deixando as penas, e as penas me parece ser ouro. Quando ele abriu a mochila para mostrar as penas douradas, só tinha folha de cacau seco e, isso aí nós temos como um aviso que viria uma praga queimando as folhas do cacau que hoje nós vemos aí com a vassoura-de-bruxa que deixou muitos fazendeiros falidos.

3.1.7 Lenda do Navio Iluminado

Ao se referir sobre os encantos da Lagoa, os depoentes imediatamente começam a falar sobre um navio iluminado que aparecia na Lagoa Encantada, ou sendo vistos por eles ou por outros moradores antigos que lhes contaram, neste sentido, observaremos os seus relatos. Dona Martinha, moradora há 53 anos na Lagoa, quando perguntada sobre os encantos da Lagoa, respondeu o seguinte:

Quando cheguei pra qui me falaram que tinha um navio que andava de lá, de um lugar que chama Bacuparituba, mudava de lá pra Pedra da Arigoa. Eu nunca vir, mas os moradores mais velho viam as tantas da noite. Diz que era iluminado, uma batucada, uma cantoria que fazia eles ficarem todos encantados. Clareava a beirada da lagoa toda.

Dona Edite Neres, relata a visão que suas filhas tiveram deste navio iluminado quando estas foram lavar os pratos da obrigação de Cosme e Damião, segundo ela:

as meninas falou, mãe nós vamos lavar esses pratos agora de noite. Eu falei, minhas filhas vocês não vai lavar esses pratos porque é meia noite e vocês vão ver alguma coisa por lá, vocês não vão, vocês vão se assombrar. E foi dito e certo. Quando elas chegaram na beira do rio, quando começaram a lavar os pratos de carreira, aí viram um navio muito bonito, muito interessante é uma coisa particular, uma coisa da pessoa ficar abismada com tanta polícia, com tanta gente bem iluminado, uma fechiando assim que fazia prazer, Polícia tinha de montão. Minhas filhas viram na festinha do meu Cosme e Damião que eu festejo até hoje, e chegaram em casa todas assombradas.

Dona Zilda, ao se referir sobre os encantos da Lagoa, faz logo relação com o Navio iluminado, ela diz que o nome da Lagoa é Encantada,

porque antigamente ela tinha muitos encante, os encante que ela tinha, Navio andava aí dentro, aparecia navio aí, os mais velhos via o Navio entrar lá, passar lá assim e chegava lá naquela pedra que se chama Pedra da Arigoa ali fazia aquela pauczinha, ali naquele lado de lá aparecia espelho grande, um grande espelho ali.

Joca, também morador da Lagoa e líder comunitário, ao falar dos encantos da lagoa, segue o raciocínio dos demais depoentes, cita em seguida a visão do Navio iluminado, para ele:

Lagoa encantada, deram esse nome a ela justamente devido às visões que o pessoal via ai dentro, as embarcações, enormes navios que aparecias aí dentro iluminado com autenticas batucadas de candomblé com as baianas se manifestando em danças [...].

Diante deste imaginário apresentado, que constitui elemento da cultura dos moradores da Lagoa Encantada, deve se falar em culturas no plural, pois não pressupõem que todas as culturas sejam iguais em todos os aspectos, mas se abstêm de juízos de valor sobre a superioridade de algumas em relação a outras, julgamentos feitos inevitavelmente do ponto de vista da própria cultura do historiador, e que atuam como tantos obstáculos à compreensão. Nesta perspectiva, a construção da história se dar com a memória. Ela traz à tona as lembranças acontecidas, vivenciadas ou não.

3.1.8 A memória como construtora da história

A memória de um grupo é o fundamento de sua identidade, o que a distingue, indelevelmente, dos demais grupos. É a marca ou o sinal de sua cultura. A memória do grupo é um ato de fé em algo que teria acontecido da maneira pela qual foi registrado. Uma perspectiva histórica do que aconteceu se propõe a uma análise fundamentada na razão.

Segundo Wehling (2003,p.13):

a memória do grupo, sendo a marca ou sinal de sua cultura, possui algumas finalidades que, embora abstratas e diluídas no inconsciente coletivo, tem evidências bastante concretas. A primeira e mais penetrante dessas finalidades é a da própria identidade. A memória do grupo baseia-se essencialmente na afirmação de sua identidade (WEHLING, 2003, p.13).

A definição da própria identidade cultural implica em distinguir os princípios, os valores e os traços que a marcam, não apenas em relação a si própria, mas frente a outras culturas, povos ou comunidades. Memória e identidade estão interligados, desse cruzamento, múltiplas possibilidades poderão se abrir na produção do imaginário histórico-cultural da Lagoa Encantada.

A memória não pode ser entendida como apenas um ato de busca de informações do passado, tendo em vista a reconstituição deste passado. Ela deve ser entendida como um processo dinâmico da própria memorização, o que estará ligado à questão de identidade.

O papel da memória grupal consiste em garantir a permanência dessa identidade, em permitir a reunião da multidão de elementos dispersos num todo coerente, que faça com que o morador da Lagoa Encantada, tenha nas lendas, elementos constituintes de sua identidade, pois valores e símbolos de identidade e

coesão grupais, quanto mais estáveis e permanentes forem, maior penetração social revelam e, conseqüentemente, possuem vitalidade e vigência na coletividade.

O estudo e a compreensão da identidade devem enfrentar a intransparência cultural e a atemporalidade estrutural não apenas materializadas através dos fatores socioeconômicos, mas dimensionadas simbolicamente em grupos sociais. A interpretação de signos e significados que fazem parte do imaginário histórico-cultural, privilegia uma recolonização das experiências do cotidiano, especialmente levando-se em conta a profunda crise atual de valores modernos e seus respectivos projetos de futuro que envolve a atividade turística.

Nesta perspectiva, o futuro torna-se cada vez mais presente, diminuindo intensamente o tempo, o espaço e o movimento entre presente e futuro. O investimento é reconstruir o passado através da memorização dos moradores da Lagoa na perspectiva de um futuro pautado no turismo cultural implicando questões que envolvem processos identitários.

A memória assume função ligada à tradição. Ela não perde sua complexidade e continua sendo uma constelação que contempla as estruturas de mudanças temporais nos seus aspectos qualitativos. É também caracterizada pela relação presente-passado.

A fraqueza da memória é o seu desgaste ao longo do tempo. Este processo de desgaste da memória, pode se chamar corrosão temporal. Para minimizar a corrosão temporal da memória, ela precisa ser refrescada constantemente, e a maneira mais comum para isso é grafá-la, narra-la ou ainda torná-la fonte histórica. Esse processo pode ser denominado de memorização, ou seja, o ato de tornar a

memória ativa e presente às experiências do passado e, neste capítulo, esta memorização ocorreu a partir dos relatos das lendas feitas pelos próprios moradores da Lagoa Encantada. No capítulo seguinte, a partir da análise dos dados obtidos pelo questionário feito aos turistas que visitaram a Lagoa Encantada, será averiguado se as lendas sobre a Lagoa Encantada constitui elemento motivador para inserir o turismo cultural nesta localidade.

4 O IMAGINÁRIO HISTÓRICO-CULTURAL COMO ELEMENTO PARA O TURISMO CULTURAL NA LAGOA ENCANTADA

O turismo enquanto atividade econômica, teve sua evolução a partir da Segunda Guerra Mundial como resultado dos aspectos relacionados à produtividade empresarial, ao poder de compra e bem-estar das pessoas, em decorrência do fim da Segunda Guerra Mundial.

Conceitualmente, o termo turismo era apresentado como viagens a regiões distantes aproximadamente mais de 50 milhas dos locais de residência dos turistas, exigindo a permanência dos viajantes por mais de 24 horas no lugar visitado; além do mais, importava que os turistas não viessem exercer, nesta localidade, uma ocupação remunerada. Nos dias de hoje esses conceitos são ultrapassados.

Outras definições surgiram com mais consistência. Segundo McIntosh e Gupta (*apud*, LAGE e MILONE, 2000, p. 26), o turismo, de forma ampla, “é assumido como a ciência, a arte e a atividade de atrair, transportar e alojar visitantes, a fim de satisfazer suas necessidades e seus desejos”. Para Mathieson e Wall (*Apud*, LAGE e MILONE, 2000, p. 26), turismo:

é o movimento temporário de pessoas para locais de destinos distintos de seus lugares de trabalho e de morada; incluindo também as atividades exercidas durante a permanência desses viajantes nos locais de destino e as facilidades para promover suas necessidades.

Assim, o turismo pode ser entendido também como uma atividade sócio-econômica e cultural, pois gera a produção de bens e serviços para o homem visando à satisfação de diversas necessidades básicas e secundárias.

A noção moderna de turismo não remete um conceito absoluto, mas importa no conhecimento do mecanismo dinâmico que interage. Dessa forma, dentre tantos conceitos de turismo existentes, o de Suzana Gastal atende ao desenvolvimento deste trabalho, daí nos apropriamos dele. Para Gastal, turismo:

é uma experiência social que envolve pessoas que se deslocam no tempo e no espaço em busca de prazer e diversão que atendam não apenas as suas necessidades físicas imediatas, mas também os seus imaginários. (2002, p. 8).

Esses imaginários são elementos motivadores presentes no turista. É a partir deles, que o turista viaja numa temporalidade relativa, vislumbrando momentos e sonhos que se projetam num patrimônio cultural, seja ele uma estátua ou uma lenda contada, como as relatadas sobre a Lagoa Encantada.

Anteriormente restrita a uma elite que dispunha de tempo e dinheiro para viajar, hoje o turismo abrange uma parcela significativa da receita econômica mundial. Segundo a WTTC, o turismo é o maior gerador de empregos no mundo [...]. Em 2010, espera-se que alcance o número de 283 milhões. A indústria de viagens e turismo pode responder por 4 trilhões de dólares da atividade econômica no mundo inteiro. (BURNS, 2002, p. 42). No Brasil, segundo o Estudo de Mercado Interno de Turismo no Brasil feito pela FIPE/EMBRATUR, estima-se que em 2001 o consumo doméstico relacionado ao turismo foi de R\$ 48,4 bilhões, correspondendo a 4,1% do PIB. A Bahia é o estado do Nordeste onde houve maior consumo, gerando uma receita em torno de R\$ 4,9 bilhões, ou seja, 10,1% do total de receita do Brasil.

O turismo é uma indústria baseada em serviços e, como tal, foi parcialmente responsável pelo crescimento deste setor. Segundo Cooper (2001, p. 159), “nos países em desenvolvimento, o setor de serviços é responsável por cerca de 40% do Produto Interno Bruto, enquanto nas economias desenvolvidas ou industrializadas, ele é responsável por mais de 65% do PIB”.

Como um importante elemento da economia de serviços, o turismo tem sido, por algum tempo, elogiado por seu crescimento contínuo e rápido. Seu significado econômico é determinado não apenas pelo nível de atividade turística que está acontecendo, mas também pelo tipo e pela natureza da economia em questão. “O impacto econômico do turismo em uma economia receptora é geralmente positivo, mas traz também consigo alguns aspectos negativos” (COOPER, 2001, p. 159.)

Pela sua importância, o turismo é uma atividade que exige planejamento meticuloso e de longo curso, que só se desenvolve de modo sólido se todos os componentes de mercado nele envolvidos forem conhecidos em profundidade, o que requer investimentos substanciais em infra-estrutura e publicidade.

Assim, como no turismo existem várias motivações que incita o turista a viajar, neste trabalho nos apropriaremos da motivação cultural, daí que recorreremos ao conceito de turismo cultural. Entende-se como Turismo Cultural:

o acesso ao patrimônio cultural, à história, à cultura e ao modo de viver de uma comunidade[...]. Caracteriza-se pela motivação do turista em conhecer regiões onde seu alicerce está baseado na história de um determinado povo, nas suas tradições e nas suas manifestações culturais, históricas e religiosas (MOLETTA, 2001, pp 9-10).

Segundo Barroco (2000, p. 9), "a cultura é a matéria prima básica do turismo [...]". Pesquisas recentes evidenciam que 32% dos turistas estão muito interessados em produtos culturais, entre outros. A motivação do turismo cultural depende muito mais do turista do que do próprio destino escolhido, pois a simples oportunidade de conviver com o povo da localidade já é um atrativo para aqueles que sabem apreciar a cultura. Por outro lado, a não conscientização do turista pode tornar-se uma ameaça ao destino visitado, colocando em risco monumentos, igrejas, obras de arte e, até mesmo, a tradição do povo local.

Uma vez identificado o imaginário histórico-cultural na Lagoa Encantada, e visto sua riqueza a partir dos depoimentos transcritos no Capítulo II, vamos neste último capítulo, evidenciar a importância deste imaginário para o turismo cultural na Lagoa Encantada a partir de pesquisas de campo.

Como área do conhecimento com enfoques multidisciplinares, o turismo torna-se metodologicamente complexo, na medida em que recorre aos procedimentos metodológicos de outras áreas, tais como a Psicologia, Antropologia, Sociologia, Economia, Administração, Estatística, História e outras. Por conta desta multidisciplinaridade, a OMT considera a Metodologia Turística como sendo o "conjunto de métodos empíricos experimentais, seus procedimentos, técnicas e táticas para ter um conhecimento científico, técnico ou prático dos fatos turísticos" (Apud, DENKER, 2002, p. 24).

Sendo a metodologia o caminho percorrido para se chegar ao conhecimento, a técnica constitui importante etapa deste caminho, nesta perspectiva, a pesquisa é a própria técnica, desta forma, a pesquisa adotada neste trabalho é a qualitativa e quantitativa. A primeira, adequa-se na obtenção de um conhecimento mais profundo

de casos específicos, apresentando caráter de diversidade e flexibilidade, pois não existem regras precisas e pode ser aplicada a um grande número de casos. Neste tipo de pesquisa, a definição do problema é mais ampla e pode ser expressa como uma questão relevante. A pesquisa quantitativa por sua vez, tem como características, amostra probalística-representativa, um formulário de coleta e questionário estruturado, possuindo uma abordagem superficial e análise estatística (DENKER, 2002, p. 107). Dessa forma, para chegar a resultados confiáveis, foram aplicados questionários, os quais tem “finalidade de obter de maneira sistemática e ordenada, informações sobre as variáveis que intervêm em uma investigação [...]” (Idem, 2002, p. 146).

Na coleta de dados, foram feitas duzentas (200) entrevistas qualitativas com turistas que visitaram a Lagoa Encantada usando o barco do Sr. Paulo, cuja saída é no clube Náutilus, no condomínio Jóia do Atlântico, no período de Dezembro de 2003 a Fevereiro de 2004. Nesta pesquisa, considerou-se como turista “todo aquele que desloca para fora do seu local de residência permanente por mais de vinte e quatro horas e menos de um ano sem exercer qualquer atividade remunerada, realizando gastos de qualquer espécie com renda auferida fora do local visitado” (CUNHA, 1997). Há de se considerar, que os turistas entrevistados na Lagoa Encantada, a maioria deles não se hospedam no local, pois a sua permanência na Lagoa foi em torno de duas a oito horas, tempo suficiente para visita do local.

Usou-se nestas entrevistas, questionários com perguntas fechadas e alternativas fixas com objetivos de identificar o perfil do turista e diagnosticar a motivação da sua vinda à Lagoa Encantada, o que serviu de base para atingir o objetivo geral deste trabalho, que é evidenciar a importância do imaginário histórico-

cultural para o turismo cultural na Lagoa Encantada. Os dados e suas interpretações, encontram-se a seguir.

4.1 Perfil dos Turistas

4.1.1 Idade dos turistas

De acordo com os dados coletados de dezembro de 2003 a fevereiro de 2004, os turistas que visitaram a Lagoa Encantada apresentavam uma maior presença na faixa-etária de 26 a 40 anos com (45%), seguido de (22%) para portadores de idade em torno de 19 a 25 anos, (19%) de 41 a 55 anos, uma baixa parcela de jovens até 18 anos com (9%) e acima de 55 anos representando o menor percentual de (5%). Isto significa, que a Lagoa Encantada não está sendo atraente para os mais jovens e os mais idosos.

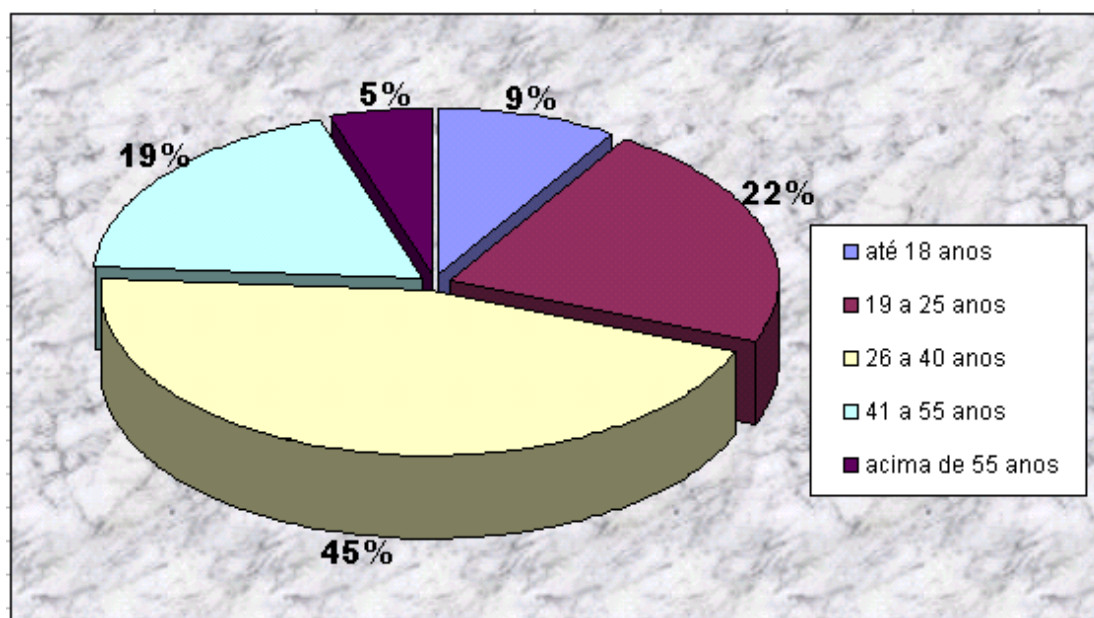


Figura 05 - Perfil da Idade dos turistas.

Tabela 01 – Quadro comparativo dos turistas por Idade

IDADE	LAGOA ENCANTADA	NORDESTE	BRASIL
De 16 a 29 Anos	31%	11,4%	11,5%
De 30 a 49 Anos	64%	42,1%	42,8%
Acima de 50 anos	5%	46,4%	45,7%

Fonte: FIPE/EMBRATUR 2001

A partir dos dados obtidos pela pesquisa de Demanda turística Interna de 2001, a faixa etária dos turistas que visitam a Lagoa Encantada, diverge dos números que representam o Nordeste e a média brasileira, principalmente na faixa etária acima de 50 anos. Neste sentido, pode-se dizer que há uma especificidade etária em relação aos turistas que visitam a Lagoa Encantada, sendo estes na sua maioria, situados na faixa etária de 30 a 49 anos, a chamada meia idade.

4.1.2 Sexo

Em relação à distribuição sexual dos turistas, a figura 02 mostra com base nos dados coletados, a predominância de turistas do sexo masculino que visitam a Lagoa Encantada num total de 56% contra 44% da presença feminina. A má conservação da estrada causando desconforto e o temor às águas profundas podem ser um dos motivos dessa baixa presença feminina.

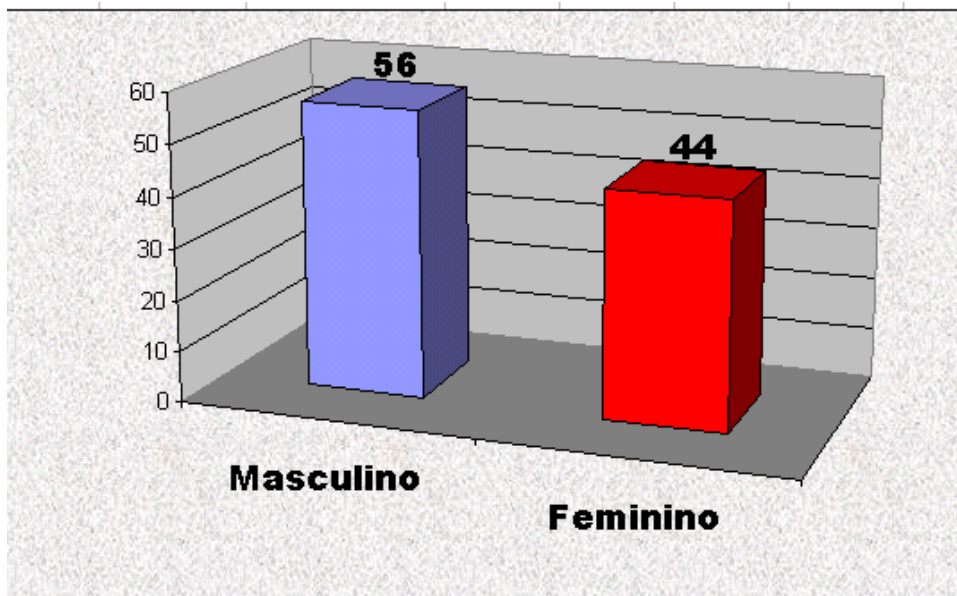


Figura 06 – Perfil do Sexo dos turistas.

Tabela 02 – Quadro comparativo dos turistas por Sexo

SEXO	LAGOA ENCANTADA	NORDESTE	BRASIL
MASCULINO	56%	39,5%	43%
FEMININO	44%	60,5%	57%

Fonte: FIPE/EMBRATUR 2001

De acordo com a tabela acima, enquanto na Lagoa Encantada os turistas que a visitam são na maioria do sexo masculino, na região Nordeste e a média brasileira, a presença feminina é maior, demonstrando mais uma vez as especificidades do turismo na Lagoa Encantada.

4.1.3 Estado Civil

De acordo aos dados obtidos ilustrados na figura 03, o número de turistas casados que visitam a Lagoa Encantada é a maioria, estando em um percentual de 55%, contra 40% de solteiros e 5% de denominados outros, sejam estes divorciados, noivos ou com acompanhantes. Esses dados podem fazer entender, que a Lagoa Encantada pode ser formatada como um produto para casais e solteiros.

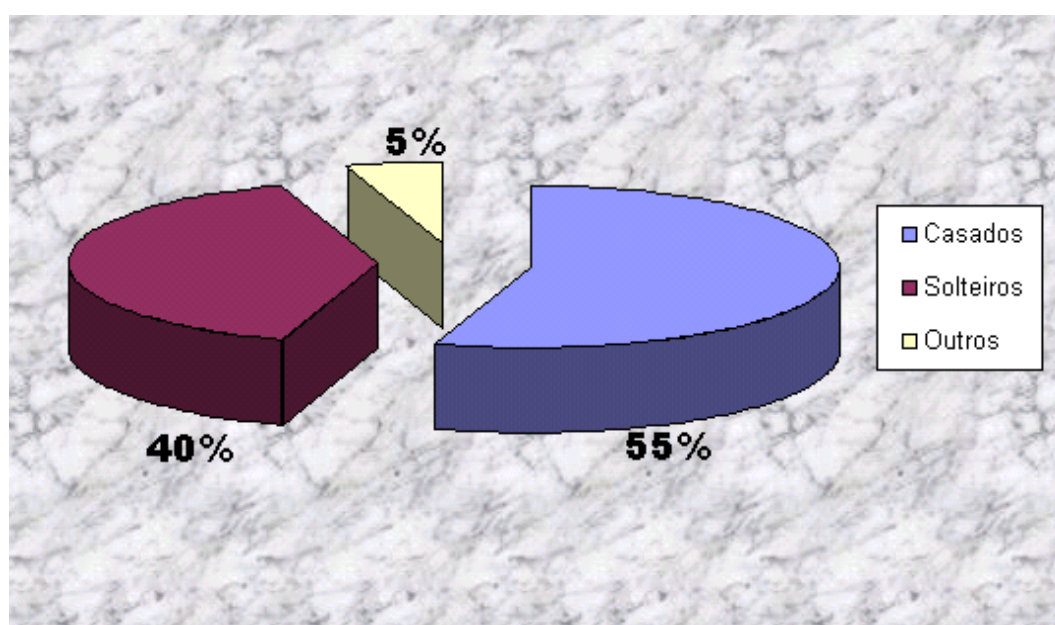


Figura 07 - Estado Civil dos turistas.

4.1.4 Renda Média Mensal dos Turistas

A identificação da renda do turista é um fator relevante no planejamento turístico local, pois a partir dela, se verificará o perfil econômico do turista e seu eventual poder de consumo. Nesta pesquisa, usou-se como referencial o salário mínimo vigente, que é de R\$240,00 (Duzentos e quarenta reais).

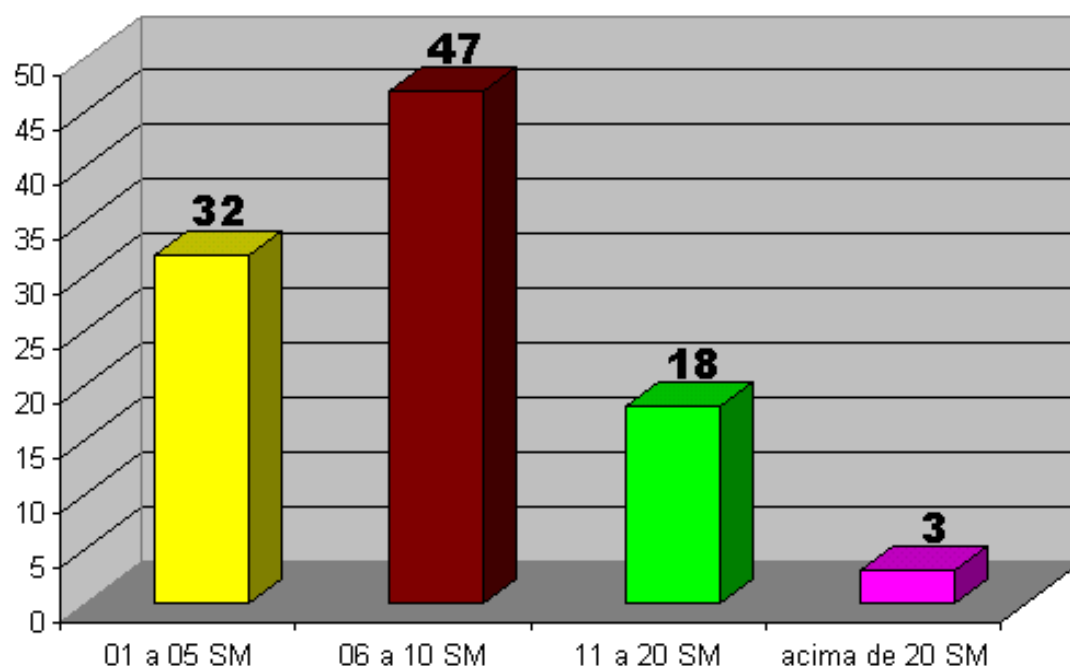


Figura 08 - Renda Média Mensal dos Turistas.

Verificou-se nos dados coletados mostrados na figura 04, que os turistas que visitam a Lagoa Encantada, na sua maioria, 47%, possuem uma renda mensal na faixa de 06 a 10 SM. Na faixa de 01 a 05 SM, corresponde 32%. Quanto maior aumenta-se a renda, mais reduz a presença destes turistas, detectando-se a presença de 18% com renda de 11 a 20 SM e apenas 3% com renda mensal de acima de 20 SM.

Esses dados permitem uma análise em que turistas com maior poder aquisitivo e, conseqüentemente, maior exigência, não vê na Lagoa Encantada uma atratividade, seja pela falta de conhecimento deste produto ou pela ausência de uma infra-estrutura necessária.

Tabela 03 – Quadro comparativo dos turistas por Renda

RENDA	LAGOA ENCANTADA	NORDESTE	BRASIL
01 a 05 SM	32%	51,7%	40%
06 a 10 SM	47%	36,2%	38,2%
11 a 20 SM	18%	9,5%	17,5%
Acima de 20 SM	3%	2,6%	4,3%

Fonte: FIPE/EMBRATUR 2001

Observa-se nos dados demonstrados da tabela 03, que enquanto no Nordeste e no Brasil de forma geral o maior percentual de turistas concentram-se sobre aqueles que possuem uma renda em torno de 01 a 05 Salários Mínimos, na Lagoa Encantada, a maior presença de turistas possuem renda na faixa de 06 a 10 Salários Mínimos. A semelhança está com os turistas que possuem renda acima de 20 Salários Mínimos, estes estão com menor índice de participação na Lagoa Encantada, na região Nordeste e na média brasileira, o que se conclui que os brasileiros de maior poder aquisitivo não fazem turismo interno, preferindo o exterior.

4.1.5 Origem/Procedência

Baseando-se nos dados coletados nos meses de dezembro de 2003 a fevereiro de 2004, verifica-se que os turistas que visitaram a lagoa Encantada são todos brasileiros distribuídos em cidades das regiões Sudeste, Centro-Oeste e outras próprias da Bahia. Conforme a ilustração apresentada na figura 05, não há disparidades significativas de uma cidade para outra, percebendo-se um equilíbrio entre elas, destacando-se com 19% Goiânia e Brasília com 18%, ambas da região Centro-Oeste. Da região Sudeste, verificou-se a presença de 12% de turistas de São Paulo, 11% da cidade do Rio de Janeiro, 10% de Belo Horizonte e 8% de Petrópolis, tornando-se o Sudeste, a principal região emissora de turistas para a

Lagoa Encantada. Em relação ao estado da Bahia, destaca-se as cidades de Vitória da Conquista com 13% e Jequié com 9% de turistas.

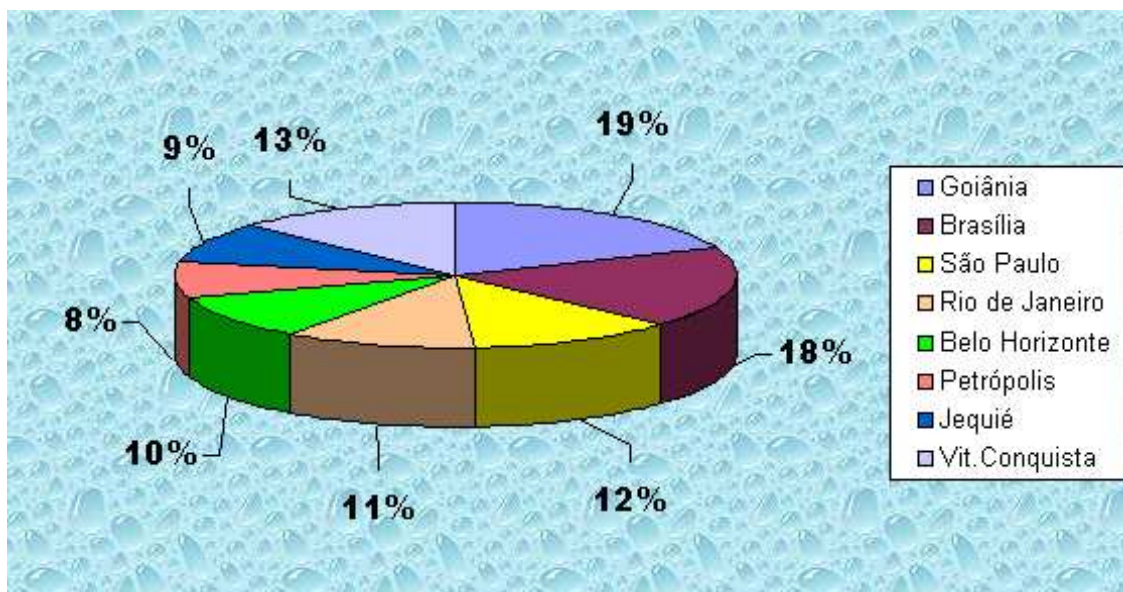


Figura 09 - Origem/procedência dos Turistas

4.1.6 Nível de Escolaridade dos Turistas

Os dados referentes à escolaridade dos turistas que visitaram a Lagoa Encantada, possibilitam conhecer o nível de formação escolar para fazer uma relação de atratividade com o turismo cultural. Os dados mostrados na figura 06 revelam que a maior parte dos turistas, cerca de 45% possui nível superior (completo/incompleto), vindo em seguida com 36% os que têm Segundo Grau (completo/incompleto). Para os que possuem cursos de Pós-Graduação (completo-incompleto) que constituem a elite intelectual do país, houve a presença de 10% na Lagoa Encantada, e o tipo de turista com menor grau de ensino, ou seja, os que possuem Primeiro Grau (completo/incompleto), apenas 9% visitaram a Lagoa

Encantada, o que faz analisar que o nível escolar dos que visitaram a Lagoa Encantada é satisfatoriamente elevado, o que contribuiria na formatação do Turismo Cultural neste local.

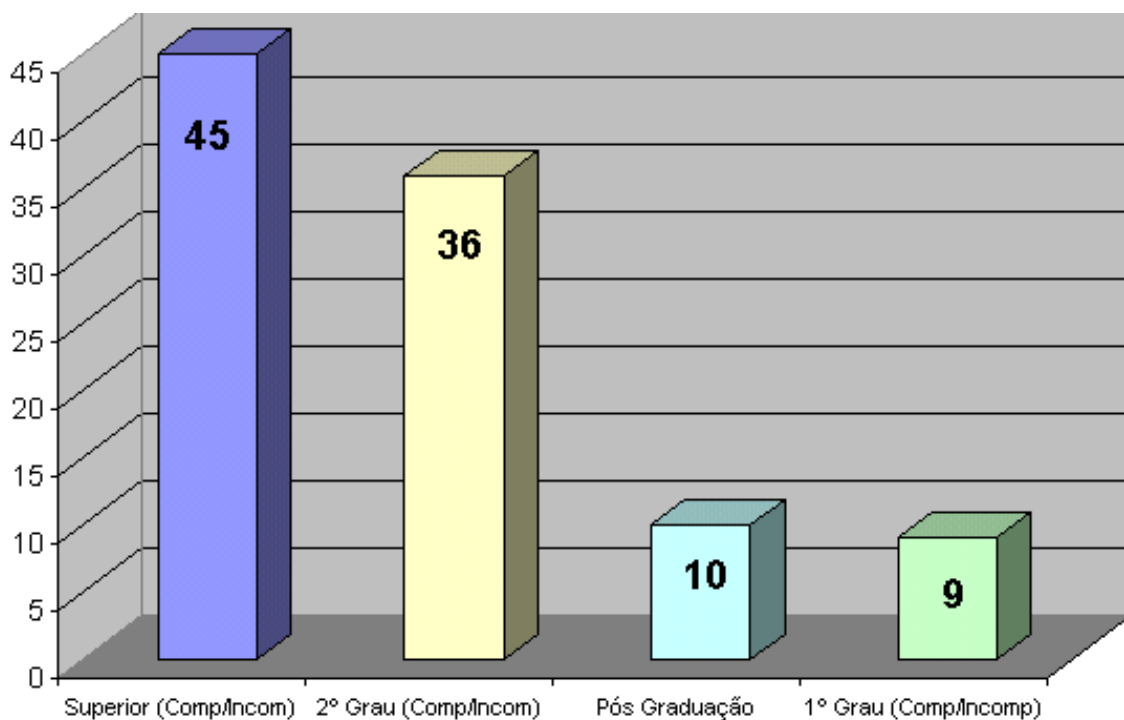


Figura 10 - Nível de Escolaridade dos Turistas.

Tabela 04 – Quadro comparativo dos turistas pelo Nível de Escolaridade

NÍVEL DE ESCOLARIDADE	LAGOA ENCANTADA	NORDESTE	BRASIL
Pós- Graduação (Compl/Incompl)	10%	-	-
Superior (Compl/Incompl)	45%	5,5%	7%
2º Grau (Compl/Incompl)	36%	25,8%	25%
1º Grau (Compl/Incompl)	9%	15,6%	17,7%

Fonte: FIPE/EMBRATUR 2001

Observa-se, que na pesquisa realizada pela FIPE/EMBRATUR, não foi registrado dados acerca de turistas com escolaridade no nível de Pós-Graduação, impossibilitando fazer uma comparação com os turistas que visitam a Lagoa Encantada. No que se refere aos que possuem o curso superior, percebe-se uma diferença enorme. Enquanto no Nordeste e no Brasil são 5,5% e 7% respectivamente, na Lagoa Encantada o percentual dos turistas que a visitam, 45% possuem curso superior completo ou incompleto. Mais uma vez percebe-se perfis peculiares no turismo da Lagoa Encantada.

4.1.7 Profissão/Ocupação

Os dados mensurados a cerca da atividade profissional dos turistas, relacionam-se com o item anterior que analisou o grau de escolaridade destes turistas. A figura 07 demonstra que os Comerciantes correspondem a maioria, 22%, seguidos dos Estudantes com 19%, Funcionário Público 18% e Professor 14%. O Profissional liberal representou 9% e os Militares 5%. As profissões/Ocupações citadas de Industrial e Proprietário Rural não houve turista que se enquadrasse nelas, porém 13% de turistas se enquadraram em outras não relacionadas no questionário.

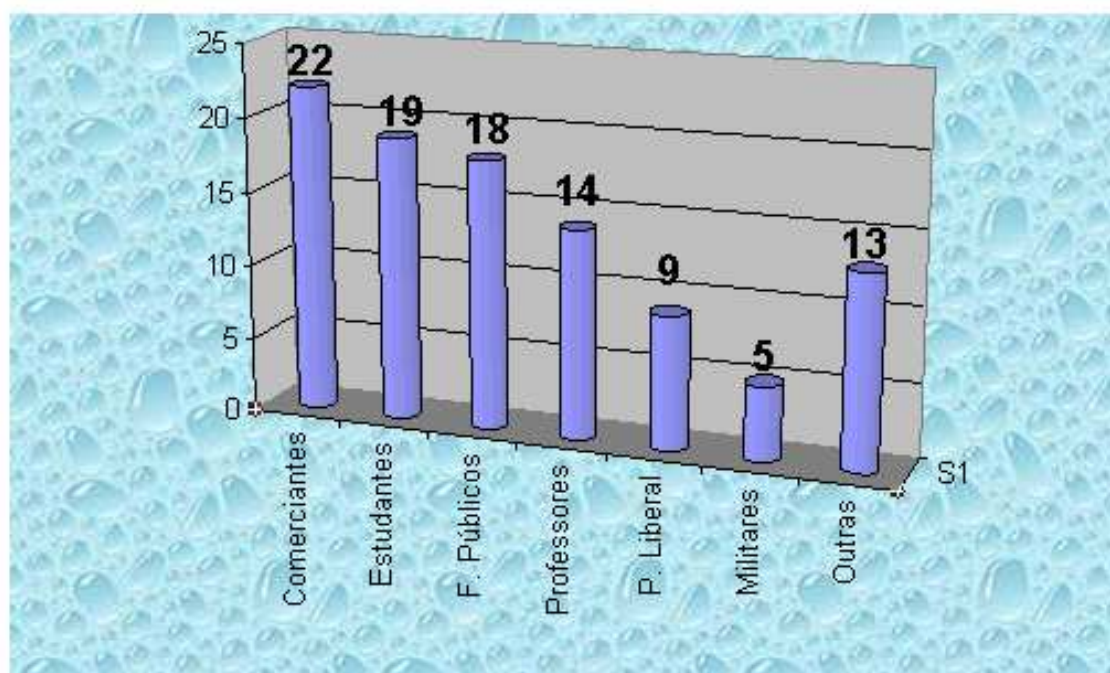


Figura 11 - Profissão/Ocupação dos Turistas.

4.1.8 Motivação da Viagem

Conhecer as motivações que os turistas possuem para optar um roteiro de viagem é imprescindível para os planejadores formatarem os produtos turísticos baseados nestas motivações. Neste trabalho, conhecer as motivações dos turistas que visitam a Lagoa Encantada é essencial para averiguar se o turismo cultural pode ser inserido na Lagoa a partir do seu imaginário histórico-cultural. Sendo assim, foram diagnosticados cinco itens que serão apresentados com seus respectivos resultados.

4.1.9 Motivação em conhecer a Lagoa Encantada

De acordo aos dados coletados representados na figura 08, a Beleza natural representou 65% da motivação identificada pelos turistas que visitaram a Lagoa Encantada, seguido da Curiosidade pelo nome com 24%, Aventura 5% e outros elementos 6%. Com esses dados, percebe-se que a paisagem natural é um grande atrativo turístico.

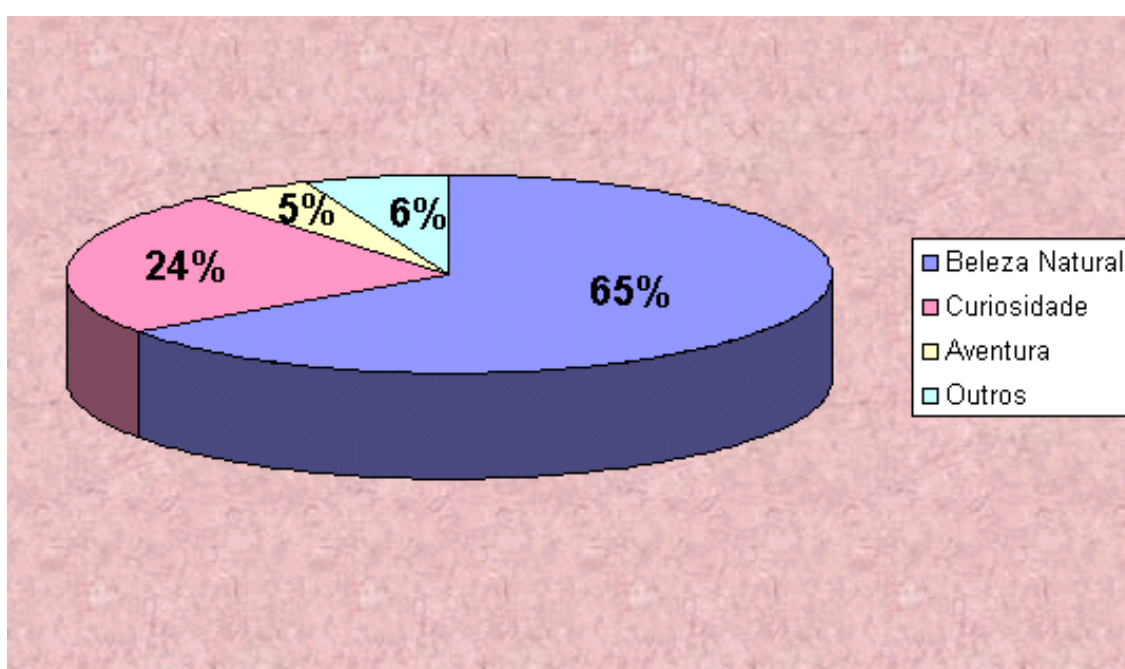


Figura 12- Motivação em conhecer a Lagoa Encantada.

4.1.10 Qual o seu grau de conhecimento das lendas sobre a Lagoa Encantada?

Esta questão nos permite a identificar se os turistas que visitam a Lagoa conhecem as lendas, ou seja, o imaginário histórico-cultural. De acordo os dados obtidos representados na figura 09, 57% dizem não conhecer as lendas sobre a

Lagoa Encantada, 23% Conhecem Parcialmente e apenas 20% se diz conhecer as lendas, chegando inclusive a contar algumas delas.

Com esses resultados, evidencia uma falta de divulgação das lendas em decorrência de uma ausência por parte do poder público de perceber no imaginário elemento motivador para o turismo na Lagoa, pois o que se percebe a partir do material de propaganda emitido pelos órgãos oficiais que a Lagoa Encantada se configura como o destino turístico de motivação ecológica, o que veio refletir na questão anterior.

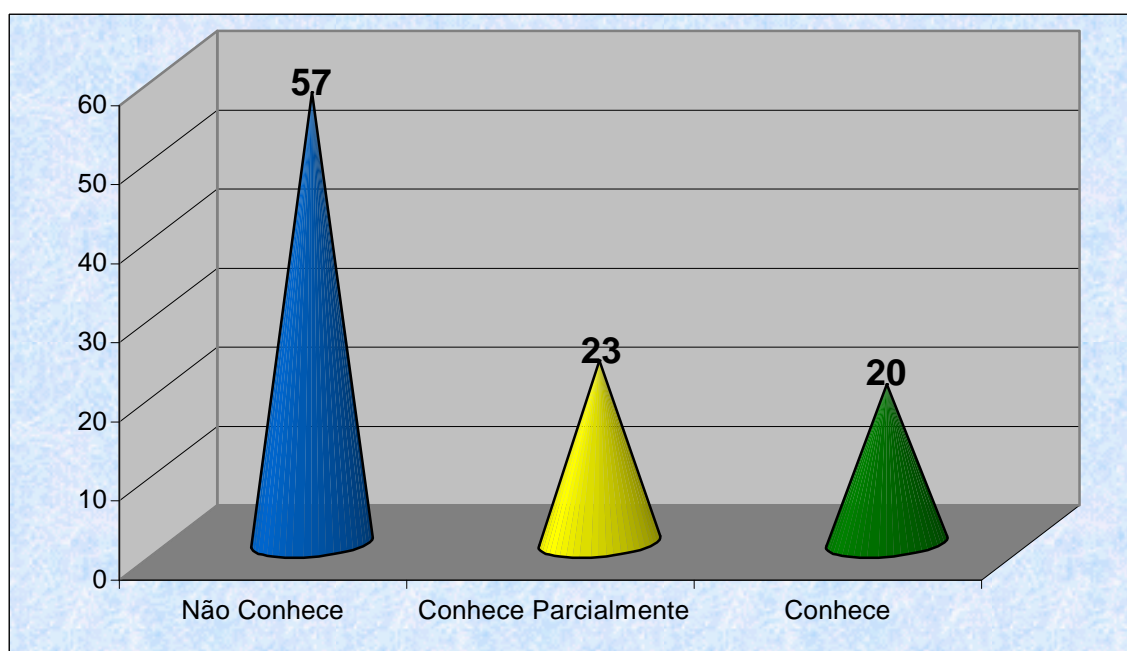


Figura 13 - Grau de conhecimento das Lendas sobre a Lagoa Encantada.

4.1.11 Durante o passeio, o que mais lhe atraiu?

Ao fim do passeio feito de barco, foram entrevistados os turistas sobre os elementos que mais lhe chamou atenção. Os dados obtidos ilustrados na figura 09 ficam próximos das respostas do item anterior. Para 73% dos turistas, a paisagem natural constitui a principal atração na Lagoa Encantada, seguido de 17% das lendas e mitos e 10% de aventura. Esses dados justificam pela ausência dos relatos das lendas para os turistas de uma forma mais sistematizada.

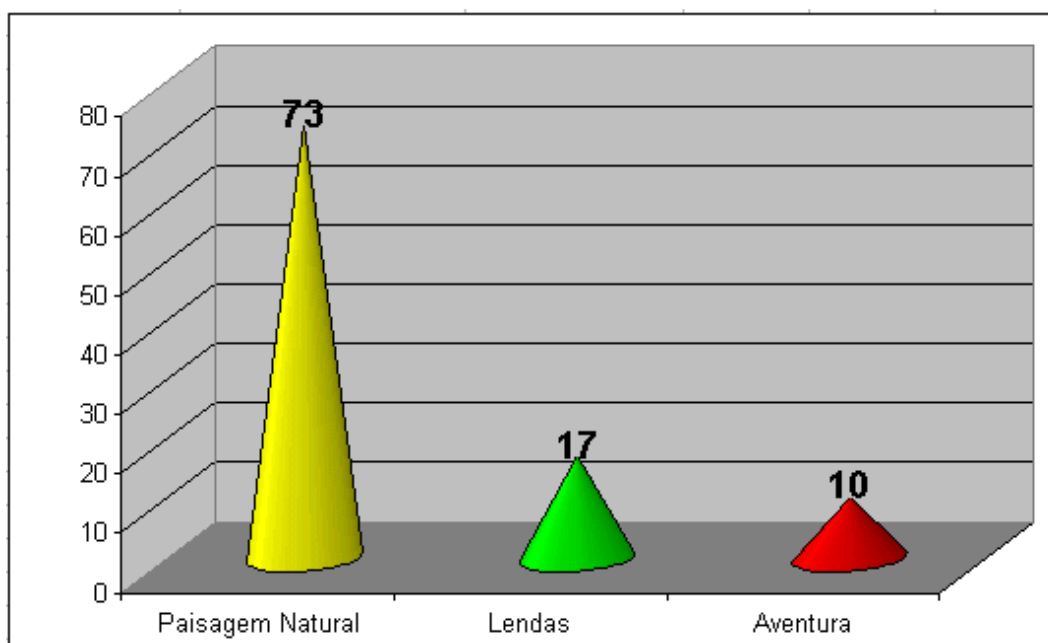


Figura 14 - O que mais atraiu durante o passeio.

4.1.12 Retornaria a Lagoa Encantada?

De acordo aos dados obtidos e representados na figura 10, 96% dos turistas que visitaram a Lagoa Encantada no período de Dezembro de 2003 a Fevereiro de

2004, retornariam à Lagoa. Isto significa que com todos os problemas que envolvem o produto turístico Lagoa Encantada, há um alto índice de aceitação.

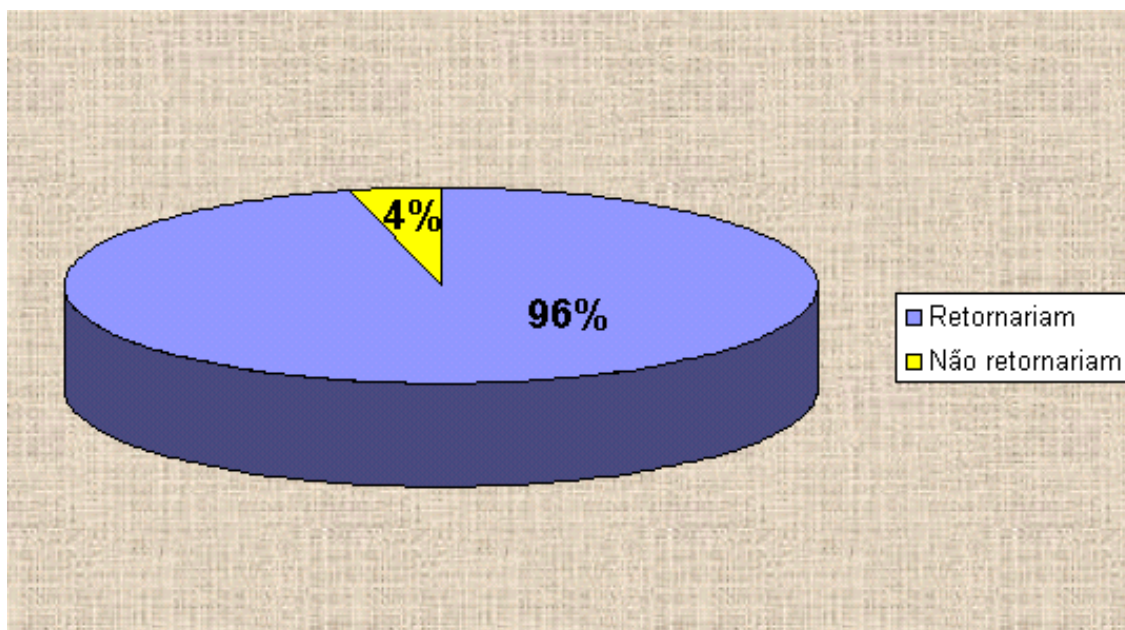


Figura 15 – Retornaria à Lagoa Encantada?

4.1.13 Por ordem de motivação, enumere o que lhe faria retornar à Lagoa Encantada

Este item foi inserido na tentativa de averiguar se a motivação inicial que o turista tem em conhecer a Lagoa Encantada permanece ou muda conforme a visita. De acordo aos resultados obtidos apresentados na figura 11, percebe-se que a motivação inicial se confirma após a visita, sendo esta a principal responsável pelo retorno do turista na Lagoa Encantada. Sendo assim, os dados colhidos foram os seguintes: 60% dos turistas enumeraram a Paisagem natural como primeira motivação, seguida por 28% dos relatos das lendas e mitos. Apenas 12% dos

turistas enumeraram a aventura proporcionada na visita como elemento motivador para seu retorno e nenhum turista enumerou o item outra motivação.

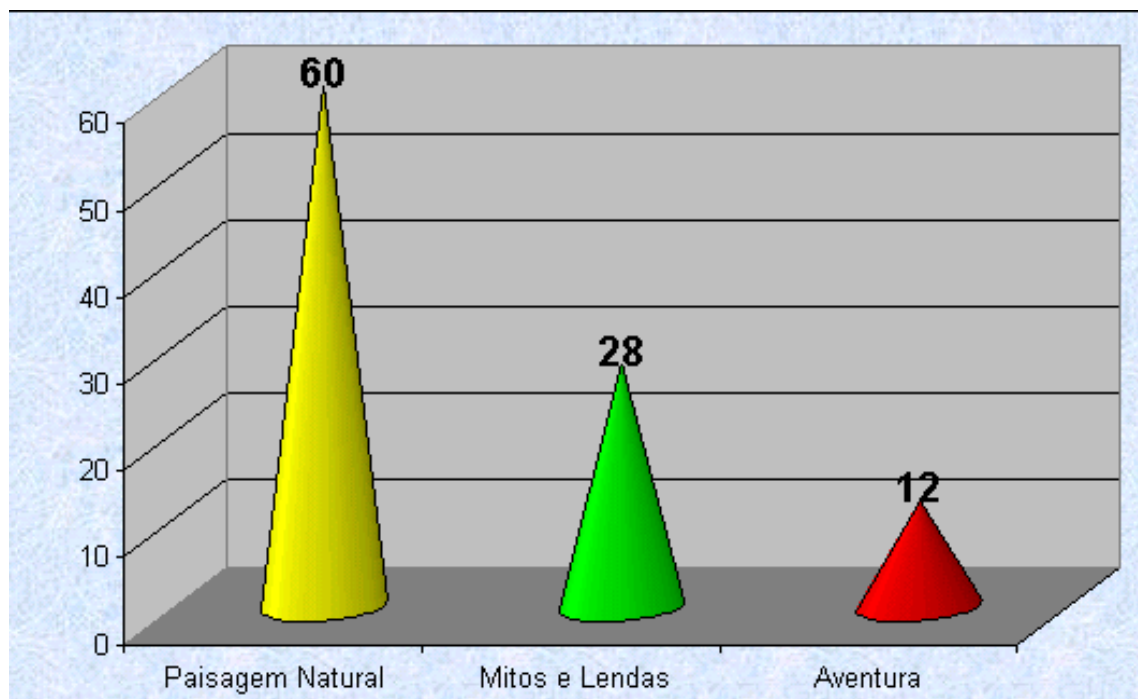


Figura 16 - Motivação em retornar à Lagoa Encantada.

Diante destes dados e a partir de conversas com os entrevistados, percebeu-se que os relatos das lendas e mitos é um elemento pouco explorado, daí que muitos turistas não tiveram a possibilidade de conhece-los, ao contrário da paisagem natural que é algo bem evidente.

Quando citados pelo pesquisador esses relatos, os turistas passam a ter uma recepção calorosa e questionam a não divulgação dos mesmos. Este posicionamento dos turistas vai ser quantitativamente evidenciado no item seguinte .

4.1.14 As lendas e mitos são elementos motivadores para o Turismo Cultural na Lagoa Encantada?

Este item corresponde como principal tópico para atingir o objetivo geral deste trabalho, que é evidenciar a importância do imaginário histórico-cultural como elemento propulsor para o Turismo Cultural na Lagoa Encantada. Após os contatos diretos com os duzentos turistas que responderam o questionário após o passeio, pelas suas respostas obtidas nos dados e representadas na figura 12, 88% dos turistas que visitaram a Lagoa Encantada nos meses de Dezembro de 2003 a Fevereiro de 2004, acharam que as lendas e mitos são elementos motivadores para o Turismo Cultural na Lagoa Encantada, ao contrário de 12% que assim não acharam.

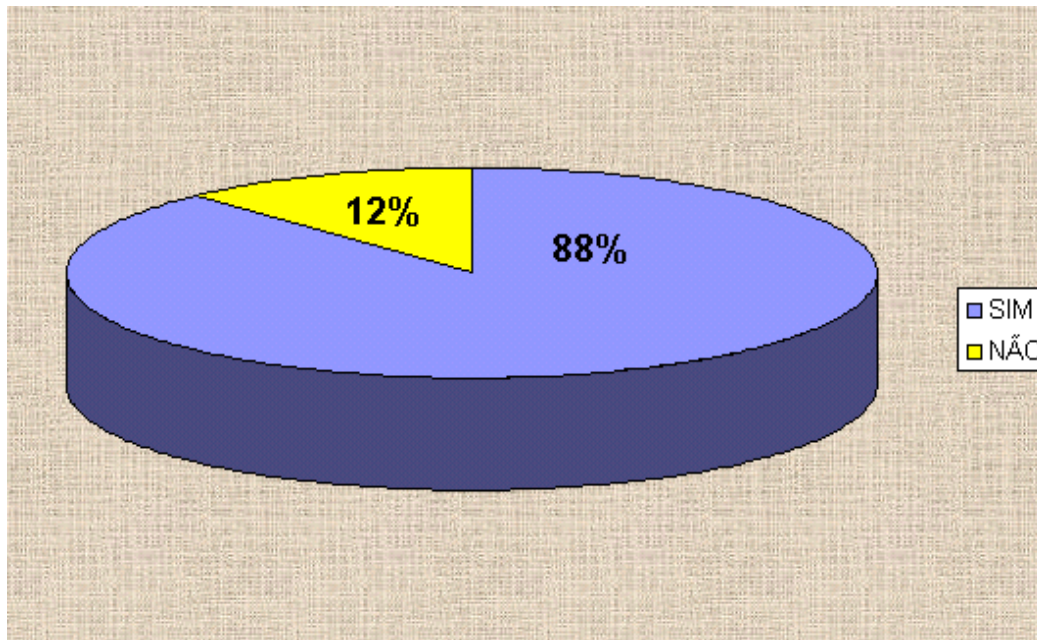


Figura 17 - As lendas como elementos motivadores para o Turismo Cultural na Lagoa Encantada

Mesmo sem ter uma formatação e um direcionamento planejado que envolva os barqueiros e os guias, o imaginário histórico-cultural aguçou a curiosidade dos turistas, mesmo porque a curiosidade pelo nome Lagoa Encantada foi o segundo elemento motivador em conhecer a Lagoa Encantada apontado por 24% dos turistas. Nesta perspectiva, necessário se faz planejar o turismo cultural na Lagoa Encantada.

4.1.15 Planejamento do Turismo-Cultural

O planejamento do turismo cultural está apoiado nos princípios do desenvolvimento turístico sustentável, ou seja, deverá promover a sustentabilidade econômica, social, ambiental e do patrimônio em questão, devendo assegurar às gerações futuras, o acesso a estes mesmos recursos.

Segundo Moletta(2001,p.46), um profissional do turismo cultural deve apresentar as seguintes características:

- Ter tido farta leitura sobre os atrativos culturais explorados;
- estar em constante busca de novas informações;
- conhecer tecnicamente a região, realizando interpretações sobre o bem estudado e sua relação com a história;
- Ter boa comunicação, iniciativa e empatia com o visitante;
- Dominar a informação, transmitindo entusiasmo e motivação para o grupo;
- Possuir noções de primeiros socorros e transparecer um profundo respeito à cultura.

Na elaboração do plano turístico, deve se levar em conta os impactos negativos que o turismo traz para a cultura. Isso é necessário porque qualquer atrativo possui sua capacidade de carga bem definida, ou seja, o número de visitantes que pode suportar sem iniciar o processo de degradação do patrimônio. Encontrar o equilíbrio entre a prática do turismo e a preservação dos bens culturais é o segredo do sucesso no turismo cultural.

De acordo Moletta (2001, p. 35-36), os impactos negativos causados pelo turismo cultural não planejado são :

flashes de máquinas fotográficas que podem prejudicar pinturas antigas, se não estiverem bem protegidas;
manuseio de livros e documentos antigos por pessoas despreparadas, podem causar a destruição dos objetos;
subidas de pessoas em monumentos ou estátuas localizados nas praças, para tirar fotografias, podem causar desmoronamento dos mesmo;
descaracterização do artesanato local, através da produção em série de réplicas do artefato autêntico, na fabricação de souvenir e, também, na produção em massa de peças, perdendo a autenticidade e deixando de ser fabricados artesanalmente;
massificação e vulgarização do folclore e de manifestações artísticas populares, através da produção em série de shows, nos quais, geralmente, os moradores locais são transformados em figuras caricatas;
circulação excessiva de veículos e pessoas perto de prédios antigos, como igrejas, ruínas, mosteiros ou fortes, podendo comprometer a estrutura física desses locais;
perda da identidade cultural devido à entrada de novas culturas aliada ao despreparo da comunidade e à não valorização da cultura local.

Dos impactos negativos citados por Moletta, dois deles podem ser analisados especificamente para a lagoa Encantada. O primeiro é o que se refere a massificação e vulgarização do folclore e de manifestações artísticas populares. Neste ponto, não se pode permitir que os moradores da Lagoa, principalmente os mais idosos, não se transformem em figuras caricatas, mas que sejam respeitados e valorizados pelas suas memórias, tornando-os elementos ativos de uma história que está sendo recriada a cada momento que é relatada uma lenda.

O segundo impacto negativo a ser analisado, é o que refere-se a perda da identidade cultural devido à entrada de novas culturas aliada ao despreparo da comunidade e a não valorização da cultura local. Nesta questão, várias discussões ocorrem sobre a perda da identidade cultural. Será que a identidade cultural se perde ou se reconfigura? Existe uma identidade cultural ou várias identidades contextualizadas? No capítulo I deste trabalho, analisamos os pressupostos teóricos que envolvem a identidade e suas relações com a cultura, memória e imaginário, a

partir de uma historicidade e percebeu-se que a identidade cultural é muito mais complexa do que os comentários feitos a seu respeito, os quais tornaram-se mais presentes com as discussões sobre a globalização.

Para Stuart Hall (2001, p. 77), “a globalização, na verdade, explora a diferenciação local. Assim, ao invés de pensar no global como ‘substituindo’ o local, seria mais acurado pensar numa nova articulação entre o ‘global’ e o ‘local’.

A cultura regional tem seu espaço significativo na medida em que a própria região identifica e valoriza sua cultura. O isolamento cultural não pode ser premissa para preservação cultural. A cultura se nutre e sobrevive no contato com outras, fomentando uma circularidade cultural em que as trocas e adaptações acontecem sem a sobrepujança de uma cultura sobre a outra.

Valorizar a cultura regional não é enclausurá-la numa redoma, mas criar espaços públicos para que ela se exponha, pois a visibilidade a torna existente e resistente à “competição” das culturas dos povos visitantes. A inserção da comunidade nos projetos de desenvolvimento do turismo cultural possibilita o comprometimento e a identificação dos moradores locais com sua própria cultura, deixando de ser apenas mercadoria turística.

O turismo enquanto importante atividade econômica, pode usar seu potencial para preservação e valorização cultural, daí ser importante que órgãos como a UNESCO deveria incluir nos seus projetos de preservação cultural, a abordagem do turismo enquanto elemento preservador e não destruidor da cultura, pois os impactos negativos do turismo na cultura já são notoriamente mensuráveis, portanto podem ser evitados, mas, os elementos positivos são pouco explorados.

É necessário que o poder público projete a cultura regional como elemento importante para a memória global. Deve-se perceber que as culturas regionais alimentam a cultura global, e esta uma vez nutrida se consolida e se reconfigura a cada geração. A cultura surge, sobrevive e se reconfigura num processo de mutação constante. Para C. Geertz, a cultura 'denota um padrão, transmitido historicamente, de significados corporizados em símbolos, um sistema de concepções herdadas, expressas em formas simbólicas, por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem o seu conhecimento e as atitudes perante a vida' (*apud*, CHARTIER, 1990, p. 67).

A partir da noção de cultura de Geertz, percebe-se que a forma como ela está sendo apropriada no turismo está equivocada. Gastal, (2002, p. 7) considera que a "cultura, no turismo, tem sido abordada mais como um diferencial de produto, em geral mercadológico, e menos como um insumo básico, no que se refere à sua incorporação no planejamento e montagem de produtos turísticos".

Esta abordagem de Gastal deve ser levada em conta pelos planejadores do turismo cultural, uma vez que a cultura não pode ser vista como um refrigerante, mas como um patrimônio que faz parte da história de uma dada sociedade e que tem diferencial a ser contemplado e valorizado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS E SUGESTÕES

Ilhéus se constitui em um dos principais pólos de turismo da Bahia, possuindo motivações turísticas na área do ecoturismo, turismo rural, turismo de saúde, turismo esportivo e turismo cultural. Dos atrativos turísticos existentes em Ilhéus, destaca-se a Lagoa Encantada, a qual, desperta grande fascínio aos seus visitantes em razão de sua beleza natural e preservação ambiental .

Antes chamada de Lagoa Grande, Lagoa de Itaípe ou Taípe, sendo a maior lagoa natural de água doce da Bahia com 6,4 km² de espelho d'água cercado por fazendas e mata nativa, a Lagoa Encantada está situada ao norte de Ilhéus, no povoado de Areas, distrito de Castelo Novo, antigo aldeamento indígena da tribo dos querén a 34 km da cidade de Ilhéus e a 20 km do litoral. A Lagoa Encantada é alimentada por vários ribeirões que correm a Norte e Noroeste, por sobre as terras altas, desaguando em forma de cachoeiras, como o do Véu de Noiva no ribeirão Apipique ou, em corredeiras, como o ribeirão Caldeiras. Deságuam aí, também, os ribeirões Taquaril e Inhaupe. No seu entorno, encontram-se os povoados de Areas onde fica a própria Lagoa, além de Laranjeiras Velha, Urucutuca, Campinhos e Sambaituba.

O turismo formatado para a Lagoa Encantada pelo poder público municipal e estadual, contempla apenas os aspectos de motivação natural e de aventura, haja vista o material publicitário usado pela Secretaria Municipal de Turismo,

BAHIATURSA e folder da Área de Proteção Ambiental (APA), enfoca apenas o aspecto natural da Lagoa, enfatizando suas paisagens e cachoeiras, não valorizando o seu rico imaginário histórico-cultural, responsável inclusive, pelo adjetivo Encantada a esta Lagoa.

O objetivo geral deste trabalho, foi evidenciar a importância do imaginário histórico – cultural como elemento propulsor para a inserção do turismo cultural na Lagoa Encantada a partir da perspectiva de que o imaginário criado em torno da lagoa, com suas lendas e mitos, pode incitar o visitante a viajar numa temporalidade que não é do seu mundo real mas na qual ele se identifica, pois o imaginário através das mais diferentes linguagens, atua como um vigoroso caudal que atravessa obliquamente as formações sociais, penetrando todos os seus meandros, em todos os seus níveis, todas as classes sociais, modelando conjuntos/pacotes de relações sociais hegemônicas, cuja duração compreende maior ou menor lapso de tempo.

Segundo Heléne Vidrine (In, Pesavento, 1995), o imaginário não pode ser o impensado ou o não expresso. Neste sentido, ele necessariamente trabalha sobre a linguagem, é sempre representação e não existe sem interpretação. Aproximando o imaginário com representação, Le Goff (1993) conceitua representação, como tradução mental de uma realidade exterior percebida e liga-se ao processo da abstração. O imaginário faz parte de um campo de representação e, como expressão do pensamento, se manifesta por imagens e discursos que pretendem dar definição da realidade.

Na visão de Evelyne Petlagean (In, Le Goff, 1993):

o domínio do imaginário é constituído pelo conjunto das representações que exorbitam do limite colocado pelas constatações da experiência e pelos encadeamentos dedutivos que estas autorizam[...]. Cada cultura, portanto, cada sociedade, e até mesmo cada nível de uma sociedade complexa, tem seu imaginário. Em outras palavras, o limite entre o real e o imaginário revela-se variável, enquanto que o território atravessado por este limite permanece, ao contrário, sempre e por toda parte idêntico, já que nada mais é senão o campo inteiro da experiência humana, do mais coletivamente social ao mais intimamente pessoal.

Esta experiência humana que constitui o imaginário, está ligado às lembranças, que estão localizadas no passado de forma latente. Elas são elementos intransparentes, individuais e perdem gradativamente seus pontos de referências na relação passado-presente, quando é apresentada como vivências fragmentadas, como rastros e restos de experiências perdidas no tempo, praticamente impossíveis de serem atualizadas historicamente. Quando são atualizadas (relatos orais), as lembranças podem tornar-se idealizações de vivências, podendo até mesmo ser pontos de referências para refletir o presente e projetar o futuro.

Essas lembranças estão depositadas na memória, que para Wehling (2003), sendo marca ou sinal de sua cultura, a memória do grupo possui algumas finalidades que, embora abstratas e diluídas no inconsciente coletivo, tem evidências bastante concretas. A primeira e mais penetrante dessas finalidades é a da própria identidade. A memória do grupo baseia-se essencialmente na afirmação de sua identidade.

O rico imaginário histórico-cultural da Lagoa Encantada, construído ao longo de um processo histórico, advém desde o século XVI com os relatos dos viajantes e cronistas, destacando os quinhentistas Pero Magalhães de Gândavo e Gabriel Soares de Souza, além dos relatos feitos no século XIX por Maximiliano, Príncipe de Wied-Neuwied, e os naturalistas Spix e Martius. Neste trabalho dissertativo, oito moradores antigos da Lagoa foram depoentes deste imaginário na condição de

depositários dessa memória coletiva a partir dos relatos das lendas do Canapú, da Sereia, do Navio Iluminado, do Galo Encantado, do Nego d'água, da Pedra da Arigoa e do Bacuparitiba, divulgando assim, a representação de uma cultura que permeava apenas nas lembranças individuais.

Quando Dona Edite Neres, depoente deste imaginário, atribui o desaparecimento dos encantos da Lagoa à mocidade que não respeita as coisas sagradas, percebe-se um distanciamento da nova geração de moradores da Lagoa, com os elementos constituidores do seu imaginário histórico-cultural, que denomina a Lagoa de Itaípe ou Lagoa do Almada, de Encantada.

Sendo Encantada, a Lagoa desperta curiosidade a seus visitantes, sejam esses de localidades próximas ou distantes, porém, quando estes chegam, ficam encantados com a beleza natural que lhe é visivelmente apresentada, e as lendas e mitos ficam restritos às lembranças dos moradores antigos, perdendo assim, uma oportunidade de torna-las mais um atrativo para o turismo da Lagoa e favorecer a valorização da identidade cultural local.

A definição da própria identidade cultural implica em distinguir os princípios, os valores e os traços que a marcam, não apenas em relação a si própria, mas frente a outras culturas, povos ou comunidades. É por extensão, não só um permanente processo de auto-conhecimento, como uma também permanente afirmação de alteridade: minha cultura ou meu grupo, por distinção às demais culturas e grupos.

No processo identitário, a identidade pode partir de três dimensões: tempo, espaço e movimento como elementos constituidores e agentes dos processos

identitários. O tempo como força de corrosão, o espaço como local da experiência da memorização e o movimento como a estrutura simbólica da cultura como os elementos constituidores da memória e da identidade.

Dessa forma, cultura e identidade são conceitos que remetem a uma mesma realidade. O estudo da cultura está muito ligada à preservação da identidade individual e coletiva. A identidade cultural de um grupo só pode ser compreendida ao se estudar suas relações com os grupos vizinhos. As pessoas de uma determinada cultura sonham os mitos dessa cultura, seus sonhos por isso autenticam os mitos, sobretudo em culturas que o sonhar é interpretado como ver outro mundo. Os mitos modelam os sonhos, mas os sonhos por sua vez, autenticam os mitos, em círculo que facilita a reprodução ou continuidade cultural.

Essa continuidade cultural, pode ser representada nas ressignificações ou reconfigurações da cultura, na medida em que as lendas contadas por esses oito moradores já não são as mesmas que seus pais lhes contaram, mas configuram parte de uma identidade ancorada na memória que perpassa valores e conceitos temporais. Dessa forma, a noção de cultura desenvolvida pelo antropólogo norte-americano Clifford Geertz fundamenta essa proposição. Segundo Geertz, a cultura:

denota um padrão, transmitido historicamente, de significados corporizados em símbolos, um sistema de concepções herdadas, expressas em formas simbólicas, por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem o seu conhecimento e as atitudes perante a vida (Apud, Chartier, p. 67).

Sendo a “cultura matéria prima básica do turismo [...]” (Barroco,2000,p.9). Pesquisas recentes evidenciam que 32% dos turistas estão muito interessados em

produtos culturais, dessa forma, a motivação cultural é um elemento importante no turismo. Segundo Vânia Moletta (2001, pp. 9-10), o turismo cultural consiste no

acesso ao patrimônio cultural, à história, à cultura e ao modo de viver de uma comunidade[...] Caracteriza-se pela motivação do turista em conhecer regiões onde seu alicerce está baseado na história de um determinado povo, nas suas tradições e nas suas manifestações culturais, históricas e religiosas.

Nesta perspectiva, ao analisar as motivações que levaram os turistas visitarem a Lagoa Encantada, percebeu-se que 65% relacionam-se à Beleza Natural, enquanto a curiosidade pelo nome, foi apontada por 24% dos entrevistados. Quando perguntados o que mais lhes atraiu durante o passeio, 73% dos entrevistados responderam a paisagem natural e 17% as lendas.

Diante desses dados, o imaginário histórico-cultural constitui-se como elemento motivador para o Turismo Cultural na Lagoa Encantada? A resposta é não. Pois, quando perguntados sobre o grau de conhecimento das Lendas sobre a Lagoa Encantada, 57% dos turistas responderam que não conheciam, 23% conheciam parcialmente e apenas 20% se diziam conhece-las. Esses resultados evidenciam uma falta de divulgação das lendas por parte do poder público e moradores envolvidos diretamente com o turismo.

Para averiguar se o objetivo geral proposto neste trabalho seria viabilizado, foi perguntado aos turistas, se as lendas e mitos são elementos motivadores para o turismo cultural na Lagoa Encantada. A resposta obtida pelos 200 entrevistados, mostrou que 88% destes, afirmaram que sim, contra apenas 12% que responderam negativamente.

Sendo assim, conclui-se que não tendo uma formatação e um direcionamento planejado que envolva os barqueiros e os guias, o imaginário histórico-cultural aguçou a curiosidade dos turistas.

Percebeu-se, que a curiosidade pelo nome Lagoa Encantada foi o segundo elemento motivador em conhecer a Lagoa Encantada apontado por 24% dos turistas, fazendo entender que este imaginário pode ser mais um elemento motivador de atração turística na Lagoa Encantada ao lado da paisagem natural. Para isso, sugerimos que o poder público incorpore esse elemento na propaganda oficial; estimule os guias locais a relatar essas lendas e confeccione uma cartilha contendo as lendas para ser distribuída aos visitantes.

Como forma de estimular o turismo na Lagoa Encantada, também sugerimos a criação de um posto de informação turística, onde os turistas teriam informações sobre a história local com suas atrações e roteiros, pois o posto existente, localiza-se na sede da APA e fica a maior parte do tempo fechada. Uma outra medida importante, seria a melhoria na estrada e nos estabelecimentos comerciais, as quais, de forma espontânea, os turistas apontaram-nas como elementos negativos. Essas sugestões objetivam incrementar o Turismo Cultural na Lagoa Encantada, entendendo que a motivação cultural não substitui a motivação natural, mas se completam.

Neste sentido, recorrer ao imaginário histórico-cultural como elemento para o Turismo Cultural na Lagoa Encantada de uma forma planejada, propiciará uma valorização da cultura local e sua afirmação identitária aliada a um desenvolvimento econômico para a comunidade que é tão carente de oportunidades de emprego e renda, e perceber que o turismo enquanto importante atividade econômica, pode

usar seu potencial para preservação e valorização cultural e não se limitar a uma retórica ufanista e catastrófica que torna o turismo e o turista como grandes vilões e não como possíveis aliados da identidade cultural.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, José Vicente de. **Lazer - princípios, tipos e formas na vida e no trabalho**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

ANDRADE, Maria Palma. **Ilhéus: passado e presente**. 2ª ed. rev. e ampl. Ilhéus, Ba: Editus, 2003.

ALAMILLO, Assela. **A Mitologia na Vida Cotidiana**. Tradução: Eduardo Francisco Alves. São Paulo: Angra Ltda, 2002.

ANTUNES, Camila. **Os Estrangeiros sumiram**. Revista Veja. Ano 36, nº 15, p. 90-91, abril, 2003.

BAHIATURSA – Empresa de Turismo da Bahia S/A. **Pesquisa de Demanda Turística de Ilhéus**. Realizada em Janeiro e Julho de 2002. Disponível: <<http://www.bahiatursa.com.br>>. Consultado em 04 de abril de 2004.

BARRETO, Margarida. **Turismo e Legado Cultural**. Campinas, SP: 3ªed. Papyrus, 2002.

BARROS, Sizínio Rosa. **O rural em perspectiva: A Construção Social na Lagoa Encantada**. Monografia (Especialização em História Regional). Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2001.

BARROCO, Hélio Estrela. **Ecologia e Turismo**. Ilhéus, Editus, 2000.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana Reis, Gláucia Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BIERSACK, Aletta. Saber local, história local: Geertz e além. In, HUNT, Lyn . **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes,2001.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998

BORDEST, Suíse Monteiro Leon. Turismo e conservação da natureza na chapada dos Guimarães: a difícil convivência. In, **Turismo e Meio Ambiente**, (Org.)

VASCONCELOS, Fabio Perdigão. Fortaleza, CE: FUNECE, 1998.

BURKE, Peter. **Variedades de história cultural**. Tradução: Alda Porto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

_____. **Cultura Popular na Idade moderna**. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

BURNS, Peter M. **Turismo e antropologia: uma introdução**. Tradução: Dayse Batista. São Paulo: Chronos, 2002.

CAMPOS, Silva. **Crônica da capitania de São Jorge dos Ilhéus**. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1981.

CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Tradução: Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, Coleção Memória e Sociedade, 1990.

COOPER, Chris. Turismo: princípios e prática. **Tradução: Roberto Catalado Costa. Porto Alegre,RS: Bookman, 2001.**

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais.** Tradução: Viviane Ribeiro, 2º ed. Bauru,SP: EDUSC, 2002.

CUNHA, Licínio. **Economia e política do turismo.** 1.ed. Portugal: McGraw-Hill, 1997.

DELLA MONICA, Laura. **Turismo e folclore: um binômio a ser cultuado.** 2º ed. São Paulo: Global, 2001.

DENKER, Ada de Freitas Manetti. **Métodos de pesquisa em turismo.** 6ºed. São Paulo: Futura, 2002.

DIEHL, Astor Antônio. **Cultura historiográfica: memória, identidade e representação.** Bauru,SP: EDUSC, 2002.

DURAND, Gilbert. **O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem.** Tradução: René Eve Levié, 2º ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001.

_____. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral.** Tradução: Helder Godinho. 2ºed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

EDELWEISS, Frederico. **Apontamentos de folclore.** Salvador: EDUFBA, 2001.

EMBRATUR. **Estudo da Demanda Turística Internacional 1997.** Disponível: <<http://www.embratur.gov.br>>. Consultado em 04 de abril de 2004.

FIPE – Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas. **Estudo do Mercado Interno de Turismo 2001**. Disponível: <<http://www.embratur.gov.br>>. Consultado em 12 de abril de 2004.

FREIRE, Doía e PEREIRA, Lígia Leite. História Oral, Memória e Turismo Cultural. In, **Interpretar o patrimônio: um exercício de olhar**. Belo Horizonte: Ed. UFNG: Território Brasília, 2002.

FURNARI, Pedro Paulo A. & FERREIRA, Lúcio Menezes. **Cultura Material Histórica e Patrimônio**. Coleção Primeira Versão, nº120. Campinas: IFCH/UNICAMP, 2003.

FURNARI, Pedro Paulo e PINNKI, Jaime (Orgs.). **Turismo e Patrimônio Cultural**. 2º ed. São Paulo: Contexto, 2002.

GÂNDAVO, Pero de Magalhães de. *Tratado da terra do Brasil*. 5ª ed; ver. e atual; **História da província de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil.1576**. 12ª ed. ver. e atual. Edição conjunta organizada e apresentada por Leonardo Dantas Silva. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1995.

GANDON, Tânia Risério d'Almeida. Entre Memória e História: tempos múltiplos de um discurso a muitas vozes. In, **Revista projeto história: história e oralidade**. São Paulo: Educ, nº 22, 2001.

GASTAL, Suzana (Org.). **Turismo investigação e crítica**. São Paulo: Contexto, 2002.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores S.A, 1978.

_____. **O Saber Local**. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

GOUVÊA, Maria de Fátima Silva. A história política no campo da história cultural. In, **Revista de História Regional**. Rio de Janeiro, Verão, Vol.3. – nº1 – 1998.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 6ªed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HALBWACCS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1980.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

HUNT, Lyn . **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

KHOURY, Yara Aun. Narrativas orais na investigação da História Social. In, **Revista projeto história: história e oralidade**. São Paulo: Educ, nº 22, 2001.

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de Metodologia Científica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LAGE, Beatriz Helena Gelas & MILONE, Paulo César (Orgs.) **Turismo: teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 2000.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 15ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

LE GOFF, Jacques. **A história Nova**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. **História e Memória**. São Paulo: UNICAMP, 1996.

MAXIMILIANO, Príncipe de Wied-Neuwied; **Viagem ao Brasil**. Tradução de Edgar Sússekind de Mendonça e Flávio Poppe de Figueiredo. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da USP, 1989. (Coleção reconquista do Brasil. 2. série; v. 156).

MEIHY, J.C. Sebe Bom. **Manual de história oral**. 4ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MOLLETTA, Vânia Florêncio. **Turismo Cultural**. 3ª ed. Porto Alegre: SEBRAE/RS, 2001. Série Desenvolvendo o Turismo, nº4.

MORAES, Marieta (Org.) **História Oral e Multidisciplinaridade**. Rio de Janeiro: Diadorin Editorial Ltda, 1994.

MURTA, Stela e ALBANO, Celina (Orgs.) **Interpretar o patrimônio: um exercício de olhar**. Belo Horizonte: UFNG/Território Brasilis, 2002.

PATLAGEAN, Evelyne. A história do imaginário. In, LE GOFF, Jacques. **A história Nova**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

PELEGRINI, Américo Filho. **Ecologia, Cultura e Turismo**. Campinas: Papyrus, 1997.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. In, **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH/Contexto, vol.15, nº 29, 1995.

PORTELLI, Alessandro. História Oral como gênero. In, **Revista projeto história: história e oralidade**. São Paulo: Educ, nº 22, 2001.

RODRIGUES, Antonio Edmilson M. & FALCON, Francisco José Calazans. **Tempos os: ensaios de História Cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri (Org.). **Turismo e desenvolvimento local**. São Paulo: Hucitec, 2000.

SAHLINS, Marshall David. **Cultura e Razão prática**. Tradução: Sérgio Tadeu de Niemayer Lamarão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2003.

SANTOS, Reinaldo Soares dos. **Ética, Cidadania, Educação Ambiental e Turismo: Considerações para um modelo de Sociedade**. Artigo apresentado no VI Encontro Nacional de Turismo com Base Local. Campo Grande – Ms, 2002.

_____. **Lagoa Encantada: as perspectivas para um Produto turístico de Lazer**. Artigo apresentado para avaliação da disciplina Economia da Cultura e do Lazer do Mestrado em Cultura e Turismo da UESC/UFBA, Ilhéus-Ba, 2002.

_____. **A atividade turística e suas implicações na cultura regional**. Artigo apresentado no VII Encontro Nacional de Turismo com Base Local. Ilhéus – Ba, 2003.

_____. **O indígena quinhentista na visão de viajantes e cronistas. Monografia** (Especialização em História do Brasil: Descobrimento x Descobrimientos). Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2000.

_____. **A capitania de Ilhéus**. artigo publicado no Jornal A TARDE CULTURAL do dia 11 de março de 2000, dentro da série dos 500 anos de Descobrimento do Brasil.

SILVA, Helenice Rodrigues da. Rememoração"/comemoração: as utilizações sociais da memória. In, **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH/Humanitas Publicações, vol.22, nº 44, 2002.

SOUZA, Gabriel Soares de. **Tratado Descritivo do Brasil em 1587**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987.

SPIX e MARTIUS. **Viagem pelo Brasil (1817 – 1820)**. Tradução de Lúcia Furquim Lahmeyer: São Paulo: Edições Melhoramentos, volume II, 1976.

WEHLING, Arno e WEHLING, Maria José. As estratégias da memória social (In, **Brasilis: revista de história sem fronteiras**) Rio de Janeiro: Editora Atlântida Ano 1- nº1, 2003.

ANEXO I

Tabela 01 – Perfil dos depoentes das lendas sobre a Lagoa Encantada

Nome	Idade	Estado Civil	Sexo	Ocupação	Religião
Jailson Costa	40 anos	Casado	Masculino	Comerciante	Protestante
Celson Lima	68 anos	Viúvo	Masculino	Aposentado	Católico
Raimunda Costa	58 anos	Viúva	Feminino	Costureira	Católica
Dona Zilda	76 anos	Casada	Feminino	Pescadora	Protestante
Edite Neres	64 anos	Viúva	Feminino	Marisqueira	Culto Afro
José Rosendo	77 anos	Casado	Masculino	Pescador	Protestante
Vavá Damasceno	64 anos	Casado	Masculino	Comerciante	Católico
Martinha Maria	79 anos	Viúva	Feminino	Aposentada	Católica

ANEXO II



Sr. Joilson Costa (Joca da Lagoa)



Srª Raimunda (Dona Mundinha)



Sr. Celson Lima



Dona Zilda



Sr. José Rosendo (Zé do Norte)



Srª Edite Neres



Sr. Vavá Piau



Dona Martinha

ANEXO III

FORMULÁRIO PARA ENTREVISTA DOS TURISTAS

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
MESTRADO EM CULTURA & TURISMO

PERFIL DO TURISTA

1. Idade

- Até 18 anos De 19 a 25 anos De 26 a 40 anos
 De 41 a 55 anos Acima de 55 anos

2. Sexo

- Masculino Feminino

3. Estado Civil

- Solteiro Casado Outros

4. Renda

- De 1 a 5 SM De 6 a 10 SM De 11 a 20 SM Acima de 20 SM

5. Origem

6. Escolaridade

- Primeiro grau (completo/incompleto)
 Segundo grau (completo/incompleto)
 Superior (completo/incompleto)
 Pós – Graduação (completo/incompleto)

7. Profissão

- Comerciante Industrial Proprietário rural Militar
 Profissional liberal Funcionário Público Estudante
 Professor Outra

DIAGNÓSTICO MOTIVACIONAL

1. Motivação em conhecer a Lagoa Encantada
 Beleza natural Aventura Curiosidade pelo nome Outra

2. Qual o seu grau de conhecimento das lendas sobre a Lagoa Encantada?
 Conheço Conheço Parcialmente Não conheço

3. Durante o passeio, o que mais lhe atraiu:
 Aventura As lendas e mitos A paisagem natural

4. Retornaria à Lagoa Encantada
 Sim Não

5. Por ordem de motivação, enumere o que lhe faria retornar à Lagoa Encantada
 Paisagem Aventura Os relatos das lendas e mitos outra

6. As lendas e mitos são elementos motivadores para o Turismo Cultural na Lagoa Encantada?
 Sim Não

ANEXO IV
TABELAS DA PESQUISA

Tabela 02 – Aspectos Pessoais dos Turistas que visitaram a lagoa Encantada

Idade	100%
Até 18 anos	9%
19 a 25 anos	22%
26 a 40 anos	45%
41 a 55 anos	19%
acima de 55 anos	5%
Sexo	100%
Masculino	56%
Feminino	44%
Estado Civil	100%
Solteiro	40%
Casado	55%
Outros	5%
Renda Mensal	100%
Superior (Completo/Incompleto)	45%
2º Grau (Completo/Incompleto)	36%
Pós-Graduação (Completo/Incompleto)	10%
1º Grau (Completo/Incompleto)	9%

Tabela 03 – Origem/Procedência dos turistas pesquisados

Cidades de Origem	%
Goiânia (GO)	19%
Brasília (DF)	18%
Vitória da Conquista (BA)	13%
São Paulo (SP)	12%
Rio de Janeiro (RJ)	11%
Belo Horizonte (MG)	10%
Jequié (BA)	9%
Petrópolis (RJ)	8%
Total	100%

Tabela 04 – Aspectos Econômicos dos turistas pesquisados

Profissão/Ocupação	%
Comerciantes	22%
Estudantes	19%
Funcionário Público	18%
Professores	14%
Profissional Liberal	9%
Militares	5%
Outras	13%
Renda Mensal	100%
De 01 a 05 SM	32%
De 06 a 10 SM	47%
De 11 a 20 SM	18%
Acima de 20 SM	3%

Tabela 05 – Aspectos Motivacionais dos turistas pesquisados

Motivação em conhecer a Lagoa Encantada	%
Beleza Natural	65%
Curiosidade pelo nome	24%
Outros	6%
Aventura	5%
Total	100%
Qual o seu grau de conhecimento das lendas sobre a Lagoa Encantada?	%
Não Conhece	57%
Conhece Parcialmente	23%
Conhece	20%
Total	100%
Durante o passeio, o que mais lhe atraiu?	%
Paisagem Natural	73%
Os Relatos das lendas	17%
Aventura	10%
Total	100%
Retornaria a Lagoa Encantada?	%
Sim	96%
Não	4%
Total	100%

Por ordem de motivação, o que lhe faria Retornar a Lagoa Encantada?	%
Paisagem Natural	60%
Mitos e Lendas	28%
Aventura	12%
Total	100%

Tabela 06 – As lendas e mitos como elementos motivadores para o Turismo Cultural na lagoa Encantada.

As lendas e mitos são elementos motivadores para o Turismo Cultural na lagoa Encantada?	%
Sim	88%
Não	12%
Total	100%

ANEXO V

DADOS COMPARATIVOS

SEXO	LAGOA ENCANTADA	ILHÉUS	BRASIL
MASCULINO	56%	58,6%	43%
FEMININO	44%	41,4%	57%

Fonte: BAHIATURSA 2002

IDADE	LAGOA ENCANTADA	ILHÉUS
Até 18 anos	9%	1,9%
19 a 25 anos	22%	12,3%
26 a 40 anos	45%	28,34%
41 a 50 anos	19%	42,9%
Acima de 51 anos	5%	12%

Fonte: BAHIATURSA 2002

NÍVEL DE ESCOLARIDADE	LAGOA ENCANTADA	ILHÉUS
Pós- Graduação (Compl/Incompl)	10%	4,2%
Superior (Compl/Incompl)	45%	45,5%
2º Grau (Compl/Incompl)	36%	40,4%
1º Grau (Compl/Incompl)	9%	7,8%

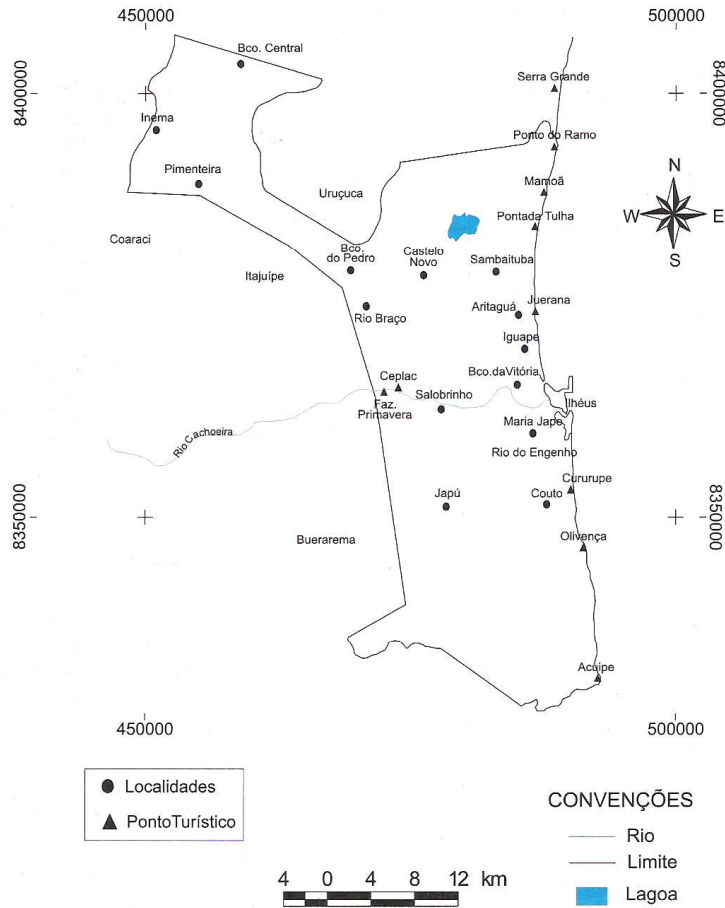
Fonte: BAHIATURSA 2002

PROCEDÊNCIA	LAGOA ENCANTADA	ILHÉUS
BAHIA	22%	26,9%
SÃO PAULO	12%	22,8%
MINAS GERAIS	10%	11,8%
BRASÍLIA	18%	11,6%
GOIÁS	19%	3,2%
RIO DE JANEIRO	19%	7,4%
OUTROS	-	16,3%

Fonte: BAHIATURSA 2002

ANEXO VI

Localidades e Pontos Turísticos de Ilhéus



Elaboração e digitalização: Ednice de Oliveira Fontes e Maurício S. Moreau. UESC/CEDIC, 2002

Apud: ANDRADE, 2003

ANEXO VII

LENDAS DA LAGOA ENCANTADA

Essas lendas, são de domínio público e foram redigidas baseadas nos depoimentos colhidos por moradores da Lagoa Encantada para este trabalho dissertativo.

ORIGEM DO NOME LAGOA ENCANTADA

O nome de Encantada, foi dada à Lagoa devido aos seus encantos vistos pelos moradores. Eram vistos dentro da Lagoa, grandes embarcações, enormes navios que apareciam iluminados, com autênticas batucadas de candomblé com as baianas se manifestando em danças. Boi que berrava, galo que cantava, a Biatatá que aparecia com seus fechos de luz, as ilhas que se movimentavam de acordo o vento e fechavam uma boa parte da Lagoa até mais da metade e o nevoeiro que baixava quando os pescadores estavam dentro e se perdiam; a Sereia da pedra que ficava cantando, atraindo os pescadores ao seu encontro. Por tudo isso ela se chama Encantada.

Lenda da Sereia

A Sereia da Lagoa Encantada, tem cabelos longos verdes. Nas noites de lua cheia, ela tocava sua viola e cantava suas lindas melodias. Quando o pescador saía à noite para pescar ouvia aquele canto e com aquilo ele ficava imnotisado e ia em direção da Sereia. Quando ele se aproximava, ela pegava o pescador e descia para a gruta que existe no centro, no fundo da Lagoa embaixo da pedra da Arigoa. Quando o pescador que descia as escadarias, não sabe o que acontecia, o certo é que no dia seguinte ele amanhecia totalmente tonto.

Ocorreu um caso de um Semi-gago que teria sido encantado pela sereia e, ao lembrar de alguns detalhes foi falar pra uns companheiros dele e quando estava narrando os fatos ficou completamente mudo. Alguns dias depois, ele pegou alguns pertences como perfume, sabonete e pente e fez gesto que ia fazer uma viagem. Botou esses pertences na canoa e entrou na Lagoa. No dia seguinte, encontraram a canoa com os pertences e até hoje, ele não foi visto mais. Com certeza se casou com a Sereia e foram felizes para sempre.

A Ilha do Galo Encantado

Na Ilha do Cantagalo, existia um Galo que cantava e nunca aparecia. Sumia de um lugar para outro com suas penas douradas. Quando foi um belo dia, um Sr. por nome Manoel que morava nessa Ilha, estava na varanda do seu casebre, quando viu o Galo cantar, quando ele se assustou viu aquele enorme animal. Pensou logo num molho pardo, aí entrou no seu casebre, pegou a espingarda de

socar e deu o disparo contra o galo. O Galo deu aquele grito e deixou aquele enorme peneiro. Ele saiu procurando o corpo do galo e não encontrou, só encontrou as penas douradas parecendo ouro, ficou encabulado com aquilo, pegou as penas, colocou numa mochila e trouxe para a Ilha do Bacuparituba para apresentar ao Sr. Mamede. Como eles se tratavam de compadre, passou a contar o caso a seu Mamede que o Galo tinha aparecido, e ele teria dado um tiro. O Mamede aborreceu com ele dizendo que não podia ter feito aquilo, atirado no Galo encantado. Então seu Manuel falou: realmente compadre, esse Galo é encantado mesmo, porque eu não perdi um caroço de chumbo e ele desapareceu, só deixando as penas que me parece ser de ouro. Quando ele abriu a mochila para mostrar as penas douradas, só tinha folha de Cacaú seco e, isso aí nós temos como um aviso que viria uma praga queimando as folhas do cacaueiro, que hoje vemos a vassoura-de-bruxa que deixou muitos fazendeiros falidos.

Lenda da Biatatá

A Biatatá era visto em forma de bolas ou tochas de fogo que andavam sobre as águas, depois subiam e se chocavam no ar iluminando a Lagoa em forma de fogos de artifícios. As pessoas que viam ficavam muito amedrontadas, com muito medo. Conta-se que antigamente a Biatatá se chamava João de Alasouza, e quando surgia na Lagoa, era para queimar as pessoas, aí se fazia o sinal da cruz e os Cinco Salamão (signos de Salomão) e ela desaparecia.

Comenta-se também, que a Biatatá era um compadre e uma comadre que brigavam e ficavam expelindo esses feixes de fogo de um lado pra outro da Lagoa,

se o pescador estivesse em sua canoa pescando e se chamasse pelo nome da Biatatá, a canoa seria queimada, caso não chamasse, ela passava distante .

A Pedra da Arigoa

A Pedra da Arigoa fica no centro da Lagoa Encantada. Quando a Lagoa esvazia, ela aparece. Comenta-se que se via gente conversar e cantar, gente passeando na pedra e um galo que cantava sempre sem ninguém vê-lo. Dizem que há uma grande escadaria que dá acesso ao fundo da pedra e que no seu interior, encontra-se tachos, espingarda e outros mistérios.

Certa vez, um conhecido mergulhador veio desvendar os mistérios da pedra. Ao descer até o final da escadaria, deparou com uma gruta; ao olhar para o seu centro, viu um altar com as velas acesas e um enorme rabo de peixe abanando as chamas das velas. Ao ver isso, ele se assustou e retornou. Quando ia retornando, ele foi seguro por um anzol no cinturão de chumbo que usava na cintura para mantê-lo no fundo, aí lembrando da história da sereia que seduz os pescadores, ele deu uma arrancada e trouxe esse anzol que até hoje existe.

Dizem também, que no interior da Pedra, há uma espada enterrada. Se algum dia o Papa vir tirá-la, tudo será inundado e a Lagoa se transformará em um grande porto.

A Ilha do Bacuparituba

Foi constatado que nessa ilha, onde hoje é a Fazenda Almada, encontraram restos de Sambaqui. Era um lugar sagrado onde as lideranças indígenas foram sepultados com seus pertences.

Neste lugar, foi visto uma galinha com sete pintos. Ao sair atrás da galinha, ela saiu e desapareceu, sumindo com todos os seus pintinhos. Nesta ilha não morava ninguém, logo, não poderia ter essa galinha com seus filhos. Dizem que seja a presença de diamantes, pois o povo antigo fala, que ao se vê uma galinha de pinto e, esta desaparecer, é porque existe ouro no local.

Lenda da Ilha do Cutiatã

É uma ilha que praticamente se encontra no meio da Lagoa, é a única ilha que temos no meio da Lagoa e por detrás dessa ilha existe outra Lagoa forrada de vegetação que se chama de CABOTO. São ilhas flutuantes que se movem e tem rios, dois rios, um por uma parte e outro por outra que se move de acordo com o vento. O pescador ao entrar lá, tem que ficar bastante atento, porque quando ela está se fechando tem que sair bem rápido, porque senão fica preso e pra sair tem que esperar o vento mudar de posição.

Essa ilha tem esse nome, porque tinha bastante caça, Cutia, Antas e outras espécies . Por ser uma ilha riquíssima na vida silvestre, colocaram o nome de Cutiatã, derivando-se de Cutia e Tamanduá. Essa ilha ainda existe.hoje e pertence a um paulista que comprou de uma nativo chamado Rafaelito.

Lenda do Canapú

O Canapú foi um peixe que entrou na Lagoa e não acertou sair e acabou morrendo, aí os pescadores encontraram-no, e por ser tão grande, disseram que era filhote de um outro que desceu rio abaixo. Conta-se uma história interessante envolvendo o canapú e pescadores antigos da Lagoa Encantada.

Quando começaram a fazer as roças de cacau aqui na região, tinha dois pescadores por nome de Genário e Jardimino que foram trabalhar na fazenda Ponta Grossa, uma enorme fazenda. Esses senhores foram lá para fazer umas empreitadas e ganhar um dinheirinho com a lavoura cacauzeira. Levaram um bacuraozinho (filhote de porco) pra criar com resto de comida da casa grande. Terminada as empreitadas, o dono da Fazenda os dispensou. Ao partirem, levaram apenas os únicos pertences que tinham: um armário de madeira, um tamborete e esse bacuraozinho.

Pegaram os pertences, botaram na canoa, entraram na Lagoa e vieram atravessando-a. Quando chegou em certos meios, apareceu o Canapú querendo engolir a canoa e ter os dois como sobremesa. Aí seu Genário e seu Jardimino que haviam tirados umas jacas para alimentar o porco durante a viagem, jogaram as jacas na água para despistar o Canapú, sendo estas engolidas pelo peixe, que continuou a perseguição aos dois amigos, querendo engolir ambos. Então, eles jogaram o tamborete, o Canapú engoliu. Jogaram o armário, o Canapú tornou também a engolir. Não tendo mais nada pra jogar, só sobrou o porco, um enorme

porco que foi sevado com os resto de comida da casa grande, um porco de mais ou menos 8 arrobas. Jogaram esse porco, e o Canapú fundou dentro, devorando-o aos gritos.

Presenciando isso, Jardimino e Genário começaram a remar com bastante pressa, vapo! Vapo! Vapo!; quando chegou próximo do Bacuparituba, a Canoa encalhou e seu Genário que vinha na proa, caiu dentro d'água, aí seu Jardimino ainda viu aquelas braçadas de seu compadre Genário sendo engolido pelo peixe.

Passados dias depois, pescadores da Barra de Itaípe, pescando de calão, capturaram um enorme peixe. A notícia se espalhou, seu Jardimino juntou uma comitiva da Lagoa e foram lá vê esse peixe. Quando chegaram, ele reconheceu o peixe, era o mesmo que o tinha atacado. Ele ficou para presenciar a abertura do danado, e quando abriram a barriga do peixe, estava lá o seu Genário sentado no tamborete comendo jaca e jogando os caroços para o porco.

Lenda do Nego D'água

Dizem que o Nego d'água é um encanto que tem no fundo da Lagoa. É um cabôco de cabelos longos com as mãos e as pernas parecendo pé de pato. Os pés eram bem escuros, parecia que era formado pelo lodo da água da Lagoa. Ele aparecia e sumia rapidamente.

Lenda do Navio Iluminado

Muitas pessoas contam, que antigamente aparecia na Lagoa Encantada, grandes embarcações, eram Navios iluminados, que se apresentavam ora com marinheiros, ora com policiais.

Conta-se, que também ele surgia com grandes batucadas e clareava toda a Lagoa. No mesmo instante que as pessoas viam, ele desaparecia, criando um clima de medo e curiosidade aos moradores da Lagoa Encantada.